

Andrews University

Digital Commons @ Andrews University

Master's Theses

Graduate Research

2015

Eficacia Na Formacao De Lideres De Pequenos Grupos Na Uniao Nordeste Brasileira

Moises Moacir Silva

Andrews University, silvam@andrews.edu

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.andrews.edu/theses>



Part of the [Practical Theology Commons](#)

Recommended Citation

Silva, Moises Moacir, "Eficacia Na Formacao De Lideres De Pequenos Grupos Na Uniao Nordeste Brasileira" (2015). *Master's Theses*. 82.

<https://digitalcommons.andrews.edu/theses/82>

This Thesis is brought to you for free and open access by the Graduate Research at Digital Commons @ Andrews University. It has been accepted for inclusion in Master's Theses by an authorized administrator of Digital Commons @ Andrews University. For more information, please contact repository@andrews.edu.

ABSTRACT

EFFICACY IN THE TRAINING OF LEADERS OF SMALL
GROUPS IN THE UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

by

Moisés Moacir da Silva

Chair: Eliel Unglaub

ABSTRACT OF GRADUATE STUDENT RESEARCH

Thesis

Andrews University

School of Education

Title: EFFICACY IN THE TRAINING OF LEADERS OF SMALL
GROUPS IN THE UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

Name of researcher: Moisés Moacir da Silva

Name and degree of faculty chair: Eliel Unglaub, Ph.D.

Date completed: September 2015

Problem

The purpose of this study was to identify factors that answered the question of why are the majority ministers of the Brazilian Northeast Region not excited about the work of the small groups, even having known their work for 15 years.

Method

It is a quantitative survey, conducted during a ministerial council in 2013. It is an anonymous and objective survey.

Results

The ministers of the União Nordeste Brasileira have been working with small groups since the start of their ministry, except those who have been ministers for over 20

years. Many ministers began their involvement with small groups before completing their theology degrees. Many ministers gave up working with the small groups and started working with them again with a renewed vision from 2013 onward. They gave up their devotion to the mobilization and structuring of the church into small groups, even understanding that this is a biblical and prophetic vision.

Conclusions

It was possible to understand the difficulties that the ministers faced with regard to the small groups. They reported a multiplication of tasks and dates, and lack of experience from the field administration. They understood the small groups as important but not a priority. And the most important aspects: if there was focus and priorities, they would lead a church using the small groups as a base for their actions.

RESUMO

EFICÁCIA NA FORMAÇÃO DE LÍDERES DE PEQUENOS
GRUPOS NA UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

por

Moisés Moacir da Silva

Orientador: Eliel Unglaub

RESUMO DE PESQUISA DE ESTUDANTE DE MESTRADO

Tese

Andrews University

School of Education

Título: EFICÁCIA NA FORMAÇÃO DE LÍDERES DE PEQUENOS GRUPOS NA
UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

Nome do pesquisador: Moisés Moacir da Silva

Nome e titulação do orientador: Eliel Unglaub, Dr.

Data de conclusão: Setembro de 2015

Propósito

O propósito da presente investigação foi identificar fatores que respondessem a questão por que pastores no nordeste brasileiro não se entusiasmavam, em sua maioria, com o trabalho dos pequenos grupos, mesmo conhecendo o trabalho há 15 anos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, realizada em um concílio ministerial da União Nordeste Brasileiro, em 2013. Pesquisa anônima e objetiva.

Resultados

Os pastores da União Nordeste Brasileira trabalham com pequenos grupos desde seu começo ministerial, exceto os que possuem mais de 20 anos de ministério; muitos

pastores começaram seu envolvimento com pequenos grupos antes de fazerem a faculdade de teologia; muitos pastores desistiram de trabalhar com os PGs e voltaram a trabalhar com uma nova visão à partir de 2013; eles desistiram de se dedicar à mobilização e estruturação de uma igreja em pequenos grupos, mesmo entendendo que essa é uma visão bíblica e profética.

Conclusão

Foi possível entender a dificuldade que os pastores enfrentavam em relação aos PGs. Eles alegaram uma multiplicidade de tarefas e datas, falta de vivência por parte da administração do campo. Entendiam que o pequeno grupo era importante mas não prioritário. E o mais importante de tudo: havendo foco e prioridade, eles iriam liderar uma igreja usando os pequenos grupos como base para as ações.

Andrews University

School of Education

EFFICACY IN THE TRAINING OF LEADERS OF SMALL
GROUPS IN THE UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

A Thesis

Presented in Partial Fulfillment
of the Requirements for the Degree
Master of Arts

by

Moisés Moacir da Silva

September 2015

© Copyright by Moisés Moacir da Silva 2015
All Rights Reserved

EFFICACY IN THE TRAINING OF LEADERS OF SMALL
GROUPS IN THE UNIÃO NORDESTE BRASILEIRA

A thesis
presented in partial fulfillment
of the requirements for the degree
Master of Arts

by

Moisés Moacir da Silva

APPROVAL BY THE COMMITTEE:

Eliel Unglaub, Ph.D., Chair

Everson Muckenberger, Dr.

Erich Baumgartner, Ph.D.

Date approved

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE TABELAS	vi
Capítulo	
I. INTRODUÇÃO	1
Contexto do Problema.....	2
Declaração do Problema	3
Propósito do Estudo	4
Perguntas da Pesquisa	4
Importância e Relevância do Estudo.....	4
Definição de Termos.....	5
Limitações	5
Delimitações	5
II. REVISÃO DE LITERATURA.....	6
Pequenos Grupos na História.....	9
O Adventismo Primitivo	10
A Segunda Reforma.....	11
III. METODOLOGIA	16
Introdução	16
Amostra e População	16
Coleta de Dados	17
Análise dos Dados.....	17
Limitações.....	17
Delimitações	17
IV. RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA	18
Caracterização da Amostra	18
Quanto ao Campo de Trabalho	18
Quanto ao Tempo de Ministério	19
Quanto ao Tempo de Trabalho com Pequenos Grupos	20
Quanto à Desistência do Ministério de PGs	22

Quanto à Participação do Pastor em um PG	25
Quanto aos Motivos do Fechamento dos PGs na Igreja	26
Quanto à Lição dos PGs.....	28
Os Maiores Obstáculos para os Pequenos Grupos.....	31
Reunião do Coordenador com o Líder de PG	33
O Coordenador Principal dos PGs	36
A Reunião dos Pequenos Grupos Pastorais (PGP)	39
As Maiores Dúvidas sobre PGs	40
 V. CONCLUSÃO	 42
Recepção x PG's	49
Mordomia.....	49
Escola Sabatina	49
Ministérios da Mulher.....	49
Ministério Pessoal	50
Evangelismo.....	50
Área Social.....	51
Recomendações para Prática.....	53
Recomendações para Futuras Pesquisas	54
 Apêndice: ROTEIRO DA ENTREVISTA	 55
 LISTA DE REFERÊNCIAS	 60

LISTA DE FIGURAS

1. Percentual de Cada Associação/Missão entre os Respondentes	19
2. Quanto ao Tempo de Ministério.	20
3. Quanto ao Tempo de Trabalho com Pequenos Grupos	21
4. Quanto à Desistência com o Trabalho com PGs.....	23
5. Quanto ao Motivo para Participar de um PG.....	26
6. O Motivo do Fechamento dos PGs nas Igrejas	27
7. Formato da Lição do Pequeno Grupo	29
8. Os Maiores Obstáculos para os PGs	31
9. Frequência da Reunião do Coordenador com o Líder.	33
10. O Coordenador Principal dos PGs.	36
11. A Importância da Reunião do PGP	39
12. As Maiores Dúvidas sobre PGs.	40

LISTA DE TABELAS

1. Cruzamento de Dados: Tempo de Ministério com Tempo de Trabalho com PGs	22
2. Cruzamento de Dados de Tempo de Trabalho com PG e Tempo de Ministério Pastoral.....	24
3. Cruzamento de Dados Desistência de Trabalho com PGs com Dúvidas sobre PGs	25
4. Cruzamento de Dados sobre o Motivo do Fechamento dos PGs e Tempo de Ministério.....	28
5. Cruzamento de Dados Relativos a Mudanças na Lição e Maiores Obstáculos para os PGs	30
6. Cruzamento de Dados Referentes a Tempo de Ministério e os Maiores Obstáculos para os PGs.....	32
7. Cruzamento de Dados dos Motivos do Fechamento dos PGs com a Frequência de Reunião do Coordenador com o Líder	34
8. Cruzamento de Dados da Desistência do Trabalho com PGs com a Frequência da Reunião do Coordenador com Líder	35
9. Cruzamento de Dados do Tempo de Ministério com quem Deveria ser Coordenador Principal dos PGs	37
10. Cruzamento de Dados do Tempo de Ministério com quem Deveria ser Coordenador Principal dos PGs	38
11. Cruzamento de Dados do Abandono do Trabalho com quem Deveria Ser o Coordenador Principal	38
12. Cruzamento de Dados dos Motivos que Fecharam os PGs com as Maiores Dúvidas sobre PGs.....	41

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

Os trabalhos das igrejas com pequenos grupos ou células reportam ao modelo bíblico de Êxodo 18. Moisés havia participado da libertação do povo do cativeiro egípcio e levava para o deserto. Eram mais de 2 milhões de hebreus e ali iniciaria uma nação.

Jetro, sogro de Moisés, aconselhou-o a dividir sua liderança com outros líderes: chefes de 1000, chefes de 100, chefes de 50 e chefes de 10. Estava apresentado então o modelo de uma liderança descentralizada, diferente do modelo piramidal do Egito: Faraó mandava e todos obedeciam. Agora o povo hebreu tinha um modelo circular de liderança, como escreveu Icenogle (citado em Burrill, 2005, p. 46): “Numa pirâmide, somente uma pessoa de cada vez pode estar em cima. Num círculo, todos são incluídos como membros igualitários da comunidade”.

Com o ministério de Jesus e sua forma de trabalhar com os 12 discípulos, iniciou-se um modelo de discipulado e trabalho em equipe que seria copiado pela igreja cristã à partir dali. Os discípulos trabalharam dessa forma, até porque não existiam possibilidades públicas de testemunharem de sua fé, sem correr riscos ou sanções.

O livro de Atos e as cartas de Paulo apresentam diversos textos relacionados a reuniões nas casas, exemplo disso Atos 2: 42-47 (RA). O Cristianismo oficialmente estava validando o método de Cristo.

Contexto do Problema

O grande sonho de um pastor é conseguir exercer eficazmente seu ministério, levando seu rebanho a “pastos verdejantes” e guiar às “águas tranquilas.” No entanto, o que se encontra, na maioria das vezes, é um pastor esgotado e estressado, e uma igreja fria e sem envolvimento na missão da igreja.

Covey e Colosimo (2011) aborda essa questão de desejar uma coisa e ver outra, utilizando o termo de navegar em tempos imprevisíveis. Para isso, ele apresenta quatro problemas: falha na execução; crise de confiança; perda de foco e medo disseminado. Ao mesmo tempo, Covey e Colosimo (2011) apresentam as correspondentes soluções: executar prioridades com excelência; mover-se rapidamente com a confiança; fazer mais com menos; reduzir o medo.

O modelo vigente no século 21 é o mesmo adotado pela igreja cristã na Idade Média: o clero realizava o serviço do templo, enquanto o povo observava. “As igrejas nos lares desapareceram, resultando no declínio do crescimento numérico e espiritual. Em razão disso, o senso de companheirismo e intimidade foram substituídos, durante a Idade Média, pelas catedrais, pelos rituais e pela formalidade (Johnson, 1991, p.16).

Consonante a tal pensamento, é possível que os membros hoje, podem pensar que são desobrigados de testemunharem sobre a salvação porque devolvem seus dízimos e esperam que o pastor se responsabilize por isso. Por essa razão, os pastores sentem-se decepcionados com o pouco envolvimento e mobilização dos membros, além de ver uma igreja cada vez mais inerte e fria, longe do modelo da Igreja Primitiva.

Essa questão de falta de produtividade e crescimento pode estar atrelada ao fato de que os pastores e membros podem estar fazendo atividades que não têm habilidades

para tal. Como diz Covey (2009), existe diferença entre habilidades e talentos. É possível uma pessoa estar trabalhando em uma área que precisou aprender a fazer (habilidade), mas sem está desenvolvendo seus talentos ali. Ou seja, está desempenhando uma tarefa, mas não usando seus talentos naturais para dar vida e brilho à tarefa.

Na literatura de crescimento de igreja, como exemplo encontra-se Schwarz (1996), os princípios de uma igreja que tem sua base de trabalho e mobilização para a missão utilizando a estrutura de pequenos grupos.

A Divisão Sul-Americana da Igreja da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem falado bastante sobre o assunto de pequenos grupos, realizado fóruns para discussão, envolvendo os administradores das uniões e associações, tomado votos referentes aos pequenos grupos como base das ações da igreja, e ainda recomendado que as uniões e associações invistam tempo e energia no assunto. Em anexo, apresento o resultado do Fórum Sul americano sobre Pequenos Grupos.

Declaração do Problema

Há mais de quinze anos, a igreja no Nordeste Brasileiro trabalha com os pequenos grupos em suas igrejas. Porém, a cada ano que passa alguns pastores perdem o entusiasmo e abandonam a metodologia, proporcionando uma não formação de novos líderes e dúvidas quanto ao processo. Quais os motivos que levam os pastores da União Nordeste Brasileira a não se envolverem com a implantação e manutenção dos pequenos grupos, apesar de base bíblica, como Êxodo 18 e a experiência de Jesus com seus discípulos, e parte do programa institucional contemplar este projeto?

Propósito do Estudo

O estudo propõe-se a descobrir por que pastores, mesmo conhecendo a base bíblica e profética dos pequenos grupos, mesmo a organização discursando que todas as igrejas precisam se envolver, não priorizam e apresentam dificuldades para a manutenção e desenvolvimento dos pequenos grupos. Tais aspectos proporcionam falta de eficácia no trabalho com os pequenos grupos no território da União Nordeste Brasileira. Tais respostas serão procuradas por meio de pesquisa feita junto aos pastores no território da União Nordeste Brasileira.

Perguntas da Pesquisa

Perguntas dirigidas aos pastores no nordeste brasileiro:

1. Quais os fatores que mais dificultam o envolvimento com o projeto?
2. Por que os pequenos grupos fecharam em algumas igrejas?
3. O que fazer para a manutenção dos pequenos grupos?
4. Quais as maiores dúvidas sobre pequenos grupos?

Importância e Relevância do Estudo

A importância da pesquisa deve-se ao fato de que o trabalho com pequenos grupos tem sua base na Bíblia, Êxodo 18, a forma que Jesus trabalhou com seus discípulos e de forma mais moderna essa metodologia está presente nas cinco maiores igrejas do mundo, por exemplo: a Igreja do Evangelho Pleno, Seul-Coréia e a Igreja de Elim, El Salvador. A IASD trabalha há mais de 15 anos no nordeste brasileiro com os pequenos grupos e, mesmo tendo sucesso em algumas igrejas, muitas igrejas e distritos pastorais encontram-se longe do ideal, quanto à metodologia.

Definição de Termos

Campo: Nome dado à uma sede administrativa em determinada região. Também conhecida como Associação ou Missão (*Manual da Igreja*, 2010).

Células: Nome dado a pequenos grupos em algumas igrejas evangélicas.

Departamental: Pastor que dirige uma área específica da IASD. Exemplo: jovens, mulheres, família, evangelismo, etc. (Souza, 2007).

Pastor distrital: Ministro responsável por algumas igrejas em determinado raio geográfico (Souza, 2007).

Pequeno Grupo (PG): Formação de pequenas comunidades de até 15 membros para crescimento espiritual, evangelismo e discipulado (Burril, 2005).

União Nordeste Brasileira (UNeB): Entidade administrativa da Igreja adventista do Sétimo Dia no Nordeste do Brasil.

Limitações

Como se trata de um questionário com pastores de forma anônima, é possível uma não precisão nas respostas ou omissão de alguns pontos relevantes, por desconhecimento ou com o desejo de não apontar possíveis falhas de líderes.

Delimitações

Muito embora a igreja na América do Sul trabalhe com pequenos grupos em todo seu território, o presente estudo delimita-se a pesquisas com pastores da União Nordeste Brasileira, em concílios pastorais, que compreendem os estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

A temática de pequenos grupos é vasta, intensa e antiga. Na verdade, remonta o conceito para a eternidade, quando existiam apenas três seres: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Essa é a primeira formação de um pequeno grupo.

O conceito criou força e maior proporção com a saída do povo do Egito. Moisés conduziu mais de 2 milhões de pessoas para o deserto. Era o início de uma nova vida para o povo como nação, até porque a forma escrava como eles viviam no Egito, não podemos dizer que eles eram uma nação.

Moisés julgava o povo sozinho. Todas as causas conflitantes eram trazidas a ele. O líder assentava-se e o povo posicionava-se em pé à sua frente até o entardecer (Êxodo 18: 13-27). Jetro, seu sogro, aconselha Moisés a dividir a carga com outros homens de valores, verso 21. Seria a formação de uma rede de liderança, que “Moisés teve que escolher aproximadamente 78.600 líderes” (Rode, 2009, p. 20).

O líder Moisés julgaria agora as grandes causas e as menores seriam partilhadas pelos líderes auxiliares: Chefes de 1000, 100, 50 e de 10-liderança partilhada.

Jesus, em seu ministério, procurou trabalhar o mesmo princípio: pequeno grupo (Mateus 10: 1- 15). Ele queria alcançar as multidões, porém sabia que precisava discipular um grupo pequeno que se reproduzisse depois de sua partida. Esse foi o principal foco dos discípulos, quando “ao submeterem-se ao Senhorio de Cristo, os

discípulos começaram a cumprir a missão, estabelecendo comunidades de crentes” (Souza, 2007, p. 20).

Segundo Comiskey (2004), Jesus usou os seguintes passos na formação dos discípulos: Eu faço e você observa; Eu faço e você ajuda; você faz e Eu ajudo, e finalmente, você faz e Eu observo. Isso preparou os novos líderes à continuidade do trabalho.

Como a história registra, após a ascensão de Cristo, a igreja trabalhava em grupos nas casas, até porque não podiam cultuar em grandes locais ou sinagogas. Todo o desenvolvimento da igreja relatado no livro de Atos aconteceu em pregações ao ar livre e nas casas. As casas serviam de local para aprofundar o sentido de comunidade e amadurecimento cristão. Isso resultava na busca de líderes com valores espirituais. Como diz Abdala (2007), a liderança promovia a unidade da igreja através de cooperação e harmonia entre os ministérios. Na verdade, os princípios desenvolvidos nas casas assemelhavam-se a equipes e não grupos. As diferenças? Marinho (2009) aponta 3 diferenças básicas entre grupos e equipes:

1. Ser humano como essência. Um grupo pode ser composto por objetos também. Equipe sempre será formada por pessoas.
2. Relacionamento. Grupo é um conjunto de pessoas formando um todo, enquanto em uma equipe, o conjunto de pessoas forma um time.
3. Sonho compartilhado. No grupo, cada pessoa pode ter um sonho e meta sem ter conexão com os demais. Na equipe, os sonhos e alvos são comuns a todos. A conquista é de todos.

Essas características de equipe lembram as descrições que a Bíblia apresenta para simbolizar a igreja:

1. Igreja como corpo, membros interligados (Rom. 12).
2. Arquitetura: Templo/ construção (o todo é feito por partes).
3. Agricultura: Planta, semente, vinha (espera-se fruto correspondente).
4. Militar: Exército (todos marcham em única direção; único general e possui mesmo ideal).
5. Familiar: A igreja como relacionamento entre marido e mulher.

Como o número de crentes crescia fortemente, devido à visão e à paixão dentro dos primeiros discípulos, rapidamente passaram de 120 para mais de 3 mil crentes (Atos 2: 46, 47). Como eles não tinham estrutura para reunir tantas pessoas, eles se valiam de reuniões públicas (átrios do templo e nos lares). Beyerlein, Keiper, Long, Pell, Thiel, e Whallon (1995) afirmam que essas reuniões nos lares eram formadas possivelmente por pessoas que moravam próximas umas das outras.

Exemplos ainda do Novo Testamento de igrejas nas casas são as referências que Paulo usa nas suas saudações : Igreja na casa de Priscila e Áquila (Rm. 16:5); igreja na casa de Níffa (Cl. 4:15); igreja na casa de Filemom (Fl. 1:2), entre outros.

No tempo de Cristo, Jerusalém possuía cerca de 20 mil habitantes. Por ocasião das festas, esse número chegava a 200 mil pessoas. Atos 4:4 diz que o número de homens convertidos subiu para quase 5 mil. Incluindo mulheres e crianças, poderíamos ter cerca de 10 mil pessoas. Rotman (citado em Rode, 2013) afirma que em Jerusalém não havia e nem há prédio capaz de suportar tanta gente. Por isso, é lógico pensar que havia na cidade

uma rede de casas funcionando em favor do cristianismo. Modernamente, chamamos pequenos grupos. Tal rede chegaria a 200 ou 400 casas com 20 a 25 em cada uma.

Essa rede torna-se extremamente eficaz porque sua força está baseada nos relacionamentos. Pessoas que compartilham sua fé com amigos, familiares e colegas. O termo grego para essa relação é oikos. Kidder (2011) mostra que vários personagens bíblicos alcançaram seu oikos. Alguns exemplos: Filipe alcançou Natanael; André levou as boas novas do Messias a Pedro; Paulo e Silas pregaram ao carcereiro e este foi batizado com sua família; Levi Mateus convidou seus amigos para ouvirem Jesus, entre outros.

Ampliando a importância dos relacionamentos para o crescimento da igreja, Norton (2011) salienta que Jesus enxergava tamanha necessidade do alcance a pessoas que não somente abordou sobre o oikos como também sobre alcançar os inimigos (Mateus 5:44). E comenta que o aspecto relacional estará sendo parte integrante do juízo final (Mateus 25:31-46).

Pequenos Grupos na História

O modelo bíblico de igreja, formação de pequenos grupos e trabalho nas casas, foi substituído na Idade Média por um estilo adotado pelo imperador Constantino. O que operavam eram “catedrais, rituais e formalidade” (Johnson, 1991, p. 16).

Em Zurique, uma rede de pequenos grupos foi formada por três anos seguidos, porém “as reuniões nos lares foram banidas pelo concílio de Zurique em 1525” (Cairns, 1996, p. 295).

Nessa linha de pensamento, Burrill (2005) faz o seguinte depoimento:

Ao observar escavações de cidades palestinas, vi restos de igrejas do terceiro século. Não eram maiores que a maioria dos lares, e algumas cidades mantinham três ou

quatro dessas pequenas igrejas cristãs. Evidentemente, quando a igreja se mudou do lar como principal local de reuniões, os crentes não edificaram catedrais. Em vez disso, suas igrejas seguiam os padrões dos lares. É claro que muitos cristãos continuaram a se reunir em lares. Esses pequenos e complexos grupos eram a base da vida na comunidade cristã. (p. 104)

O relato mais conhecido da história pós-Reforma Protestante é a diferença de metodologia empregada por Wesley e Whitfield. Wesley iniciou o movimento de maturidade cristã nas casas. Ele entendia que um cristão verdadeiro precisava do discipulado nas casas. Essas reuniões que começaram em 1742, foram chamadas de *classes metodistas*. “Wesley oferecia dois tipos de experiência com pequenos grupos : as classes e os grupos (bands). Os grupos eram opcionais; as classes eram requeridas de todos que desejavam continuar como membros” (Burrill, 2005, p. 107). As pessoas não podiam ser crentes maduros sem comparecer às classes para o desenvolvimento da comunidade.

Whitefield, contemporâneo de Wesley, não foi sistemático em seu trabalho. Baseou seu ministério em pregações públicas, sem o componente da comunidade. Com a morte de John Wesley, ele reconheceu que o método das casas e suas comunidades era duradouro em relação ao dele que era um crescimento ilusório.

O Adventismo Primitivo

A história do início da Igreja Adventista do Sétimo Dia apresenta a prática e importância de reuniões com poucas pessoas e participativas. Tão necessárias eram , que alguns adventistas chegavam a frequentar as reuniões sociais (pequenas e interativas) ao invés dos cultos. “A reunião social era uma parte tão vital da vida para os adventistas primitivos que muitas vezes era a única reunião religiosa frequentada” (Burrill, 2005, p. 121).

A comunidade, uma das características dos pequenos grupos, era o foco para o adventismo primitivo. O autor aborda o tema das reuniões sociais para contrastar com o estilo litúrgico das igrejas: louvor e pregação. Nesse padrão, não é possível gerar comunidade. É preciso um ambiente informal, poucas pessoas e ter o foco em discipular, a exemplo de Jesus com seus discípulos. Os adventistas passavam a maior parte do tempo relacionando-se entre si e acompanhado o crescimento mutuamente.

A Segunda Reforma

Modernamente, o movimento de pequenos grupos iniciou-se na Coreia do Sul com o Pr. David Cho, igreja do Evangelho Pleno, em 1964, com o nome de Grupos Familiares. Ela é considerada a maior igreja do mundo, com cerca de 1 milhão de membros. A Igreja do Evangelho Pleno cresceu a partir de uma enfermidade do seu pastor, o qual comissionou alguns homens para atuarem enquanto se recuperava. Mas foram as mulheres que levaram-no a alcançar tal propósito. Elas não somente lideraram os trabalhos, como multiplicaram os membros. Hoje, a igreja do Pr. Cho possui mais mulheres do que homens na liderança de células. Possui aproximadamente 150 mil células. Daí o movimento se espalhou pelo mundo.

Beckham (2007) sugere que o movimento de pequenos grupos precisa ser aceito e desenvolvido pelas igrejas cristãs e a tal movimento denomina *A Segunda Reforma*. Essa forma de trabalho migra a igreja de uma condição puramente de programas e eventos para uma igreja onde o foco está nos membros, e eles estão nos pequenos grupos.

Tudo que acontece em uma igreja em células—as celebrações semanais, os eventos de colheita, o treinamento e preparo para os retiros, os retiros, as reuniões para supervisão—existe para apoiar as células. Tudo está relacionado com a comunidade básica da célula (Beckham, 2007, p. 44).

Todas as atividades realizadas pelos pequenos grupos precisam ser avaliadas sistematicamente. Para isso, fazem-se necessárias reuniões com pastores, coordenadores e líderes. Essas reuniões podem ser semanais, quinzenais ou mensais. Muito embora o melhor é que sejam semanais.

Falando da igreja de Elin, El Salvador, Comiskey (2006, p. 128) ressalva que “a igreja usa estatísticas, gráficos e porcentagens para determinar exatamente onde se encontra em qualquer momento dado”. Os alvos são estabelecidos e seguidos em qualquer nível.

O que tem feito com que o ministério de pequenos grupos cresça rapidamente por toda parte é a formação de comunidades. Grupos de pessoas se encontram semanalmente para partilharem suas vidas com outras pessoas. Essa interação provoca edificação espiritual. “Para que uma célula seja eficaz, seus membros precisam se relacionar uns com os outros. A vida da célula é medida pelo tipo de relacionamentos construídos entre seus membros” (Wong, 2009, p. 29).

Donahue e Robinson (2001) dizem que a verdadeira comunidade, o que se espera de um verdadeiro pequeno grupo, oferece quatro bênçãos : Recebemos forças para as tempestades da vida, recebemos sabedoria para tomar decisões importantes, experimentamos a prestação de contas uns para os outros, que é vital para o crescimento espiritual e encontramos aceitação , que é fundamental para a cura das nossas feridas.

Evidentemente, não se pode ter um bom ambiente relacional e visão de comunidade se não houver uma forte figura do líder. Sobre esse assunto, Earley (2009) apresenta oito hábitos para a eficácia na liderança de pequenos grupos: sonho com um grupo saudável que dê frutos; oração pelos liderados; convite semanal a não crentes;

contato regular aos membros do pequeno grupo; preparo devido para a reunião semanal; mentoreamento ou formação de um líder-associado; comunhão entre membros e crescimento pessoal.

Hoje, não há continente que desconheça a força e relevância dos pequenos grupos. Schwars (1996), em sua pesquisa de mais de 10 anos, em 5 continentes, 32 países, 1000 igrejas de diversas denominações, apontou 8 princípios para o crescimento da igreja: Liderança capacitadora, Ministérios orientados pelos dons, Espiritualidade contagiante, Estruturas funcionais, Culto inspirador, Grupos familiares e Evangelização orientada para as necessidades. Porém, escreveu: “se um dos princípios estudados deve ser considerado o mais importante, então é, sem dúvida, a multiplicação dos pequenos grupos” (o autor menciona pequenos grupos a todo trabalho intencional de discipulado feito nas casas). Algumas igrejas chamam de células, outras chamam de grupos familiares) (Schwars, 1996). Esse fenômeno de crescimento é entendido pela forma agressiva de discipular e atentar para a multiplicação, onde cada membro de uma célula é trabalhado e capacitado visando tornar-se líder de célula posteriormente (Comiskey, 2004).

Arn (citado em Rode, 2007) em um comentário sobre igrejas que trabalham com pequenos grupos, aponta algumas proporções. Uma delas é 1:5 e revela que um pequeno grupo de cada cinco deve ter que surgir a cada 2 anos, no máximo. Isso revela que em um período de 2 anos deve ter uma multiplicação de 20% para ter um crescimento e desenvolvimento saudável, evitando a estagnação e perda de vitalidade.

Outra proporção é 7:100 que significa que para uma igreja com 100 membros, o ideal é que ela tenha 7 pequenos grupos. Isso dá um PG para pouco mais de 14 pessoas, média.

O livro de Joel Comiskey, *Multiplicando a Liderança*, trata de uma abordagem prática do trabalho de uma igreja em células. Apresenta as qualidades dos líderes e suas experiências em multiplicar suas células.

Alguns desses valores são: Disposição para correr riscos, zelo, inspiração x transpiração, habilidade para conviver com a crítica e possuir alvos.

Linus Morris escreveu *Uma Igreja de Alto Impacto*, e aborda as formas e estratégias que uma igreja deve desenvolver para crescer e para chamar atenção ou atrair pessoas em um mundo secularizado. Ele comenta: “O melhor ambiente para fazer discípulos é a intimidade e confiança de um grupo pequeno. No grupo-célula, os visitantes podem formar relacionamentos, descobrir “dons, satisfazer suas necessidades, curar feridas, recobrar a esperança e edificar sua fé (Morris, 2003, p. 202).

Ademais, há outras obras citadas e pesquisadas nesse estudo que se referem a aspectos particulares de liderança e forma de trabalhar em pequenos grupos, como é o caso da igreja Elim, em El Salvador, a segunda maior igreja do mundo, e trabalha com pequenos grupos.

Alguns pontos realçados pelo autor na biografia da igreja Elim:

1. Os membros precisam ter paixão por pessoas que estão vivendo longe de Deus e sua vontade.
2. Os membros precisam ter persistência na jornada cristã e no trabalho sistemático das células, já que precisa acontecer semanalmente e para isso precisam de reuniões regulares.
3. A igreja precisa focar na multiplicação de líderes. Antes de pensar em multiplicar células, precisam pensar em multiplicar pessoas que irão liderar tais células.

4. O pastor titular precisa ter a visão de uma igreja em células. Não pode ser o associado ou membro influente. O pastor precisa liderar o processo da implantação e desenvolvimento.

Donahue e Robinson (2001, p. 246) destacam:

Se sua igreja vai se transformar numa igreja baseada em grupos depende do pastor titular e de como a mudança ocorre na sua congregação. Você não vai construir a igreja de pequenos grupos se o pastor titular não endossar e viver completamente essa idéia. Os líderes principais da igreja podem fazer tremenda diferença no levar avante a nova estratégia, mas é o pastor titular que comanda o poder do púlpito, fornece pistas para a congregação sobre o que importa mais, modela a vida preferida da igreja e convida as pessoas para o envolvimento. Se você é o pastor titular de sua igreja, lembre-se: Você influencia as decisões mais do que imagina.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Introdução

Foi feito um questionário com pastores do território da União Nordeste Brasileira, que compreende os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, sobre o ministério dos pequenos grupos.

A pesquisa se deu com tais líderes no mês de fevereiro de 2013, em um concílio ministerial. A pesquisa foi de forma anônima com administradores, departamentais e pastores distritais dos 5 campos (Associações / Missões) da UNeB.

Amostra e População

O objetivo foi observar a realidade presente do trabalho dos pequenos grupos na região Nordeste do Brasil. Como os entrevistados possuíam experiências diferentes, ou seja, uns tiveram e têm sucesso com o ministério dos pequenos grupos e outros começaram e viram sua igreja fechar, total ou parcialmente, os pequenos grupos, o resultado é de importância para as devidas conclusões. O questionário foi feito com os 250 pastores da União Nordeste Brasileira, o que ao final nos levou a uma amostra de 149, o número de respondentes.

Coleta de Dados

O questionário foi feito em um concílio ministerial da União Nordeste, em fevereiro de 2013, com todos os 250 pastores do nordeste, dos quais 149 responderam.

Análise dos Dados

A análise foi produzida através do cruzamento das informações oriundas das perguntas do questionário. O objetivo foi verificar as respostas dos pastores quanto à eficácia da igreja trabalhar com seus pequenos grupos.

Limitações

Como se trata de um questionário com pastores de forma anônima, é possível uma não precisão nas respostas ou omissão de alguns pontos relevantes, por desconhecimento ou com o desejo de não apontar possíveis falhas de líderes.

Delimitações

Muito embora a igreja na América do Sul trabalhe com pequenos grupos em todo seu território, o presente estudo delimita-se a pesquisas com pastores da União Nordeste Brasileira, em concílios pastorais, que compreendem os estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA

O presente capítulo apresenta o resultado das respostas fornecidas pelos pastores da União Nordeste Brasileira e o consequente cruzamento dos dados, objetivando esclarecer os pontos obtidos através da pesquisa quantitativa.

Caracterização da Amostra

A população-alvo pesquisada para a parte quantitativa do trabalho foi a dos pastores da União Nordeste Brasileira.

O universo dos pastores da União Nordeste é de 250. A coleta de dados gerou 149 questionários. Alguns questionários foram descartados por haver incongruências no preenchimento, como questões rasuradas, mal preenchidas ou simplesmente com ausência de respostas em boa parte das questões.

Quanto ao Campo de Trabalho

Dos 149 pastores respondentes da pesquisa quantitativa, segue abaixo a Figura 1 que mostra o percentual de cada Associação/Missão dos respondentes:

1. Missão Alagoas (MisAL): Estado de Alagoas
2. Associação Pernambucana (APe): Recife e região metropolitana
3. Associação Pernambucana Central (APeC): Sertão e semiárido do Estado de Pernambuco

4. Missão Nordeste (MN): Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte

5. Associação Costa Norte (ACN): Estados do Ceará e do Piauí.

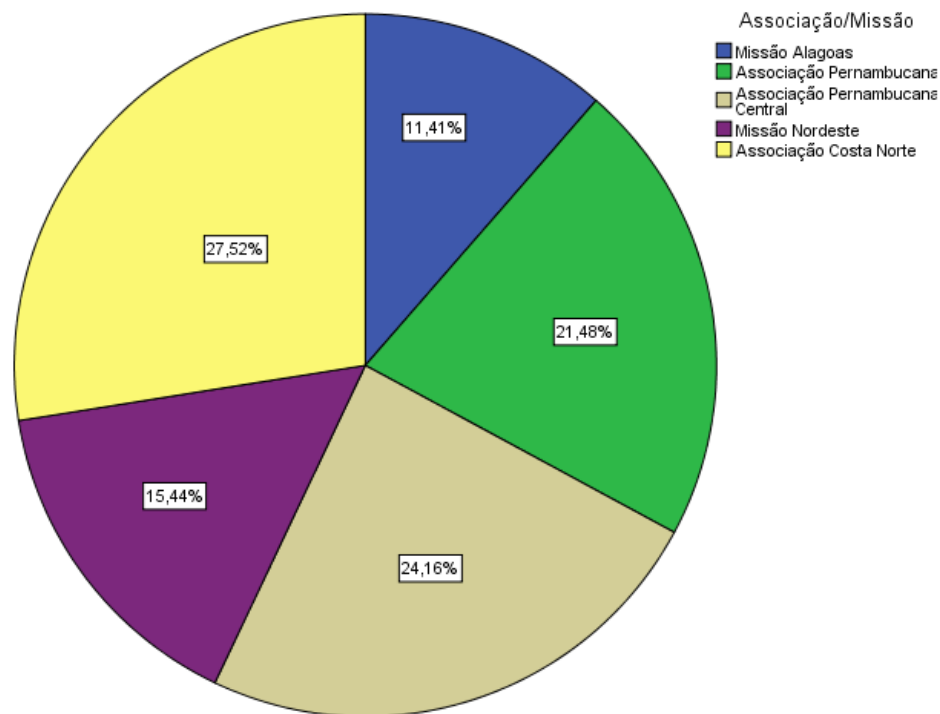


Figura 1. Percentual de cada Associação/Missão entre os respondentes.

Quanto ao Tempo de Ministério

A primeira pergunta da pesquisa indagou sobre o tempo de exercício ministerial de cada pastor.

Identifiquei que 31,54% dos respondentes têm entre 1 e 5 anos de ministério, já os que têm entre 10 e 15 anos de ministério representam 15,44% dos respondentes, conforme se observa na Figura 2.

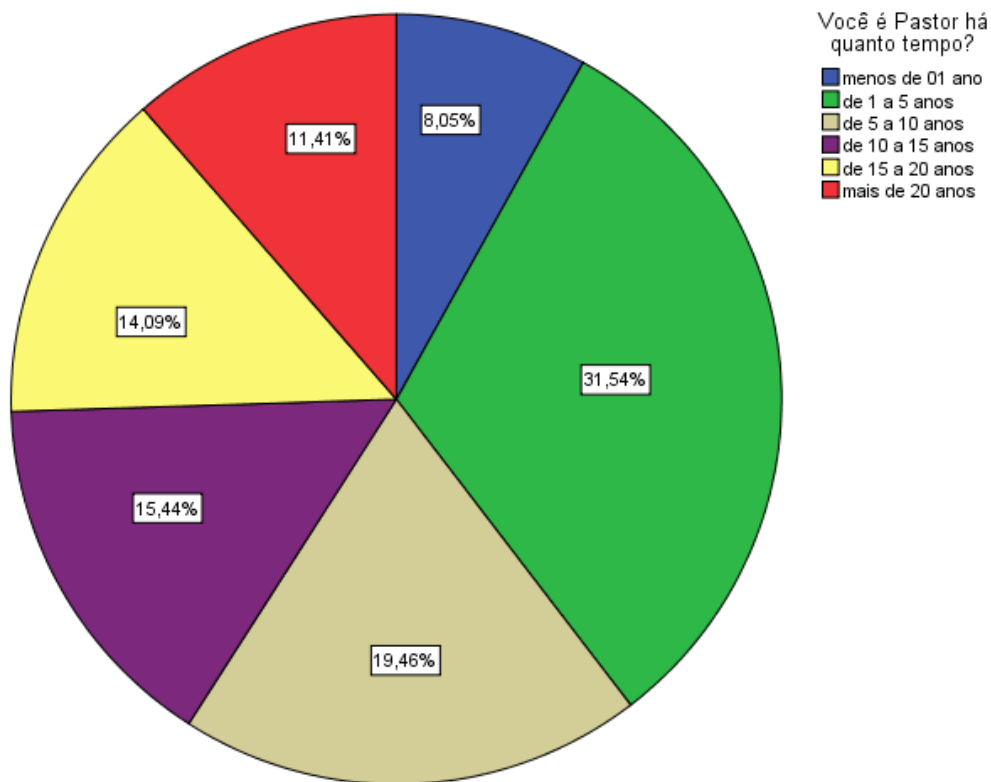


Figura 2. Quanto ao tempo de ministério.

Quanto ao Tempo de Trabalho com Pequenos Grupos

A segunda pergunta indagou dos respondentes o tempo em que trabalham com Pequenos Grupos em seu ministério. A Figura 3 mostra o percentual entre os respondentes.

Ao construir as Figuras 2 e 3, quanto ao tempo de ministério e tempo de trabalho com PGs, identifiquei que as porcentagens são semelhantes. A Tabela 1 mostra um cruzamento de dados entre o tempo de ministério e o tempo de trabalho com PGs.

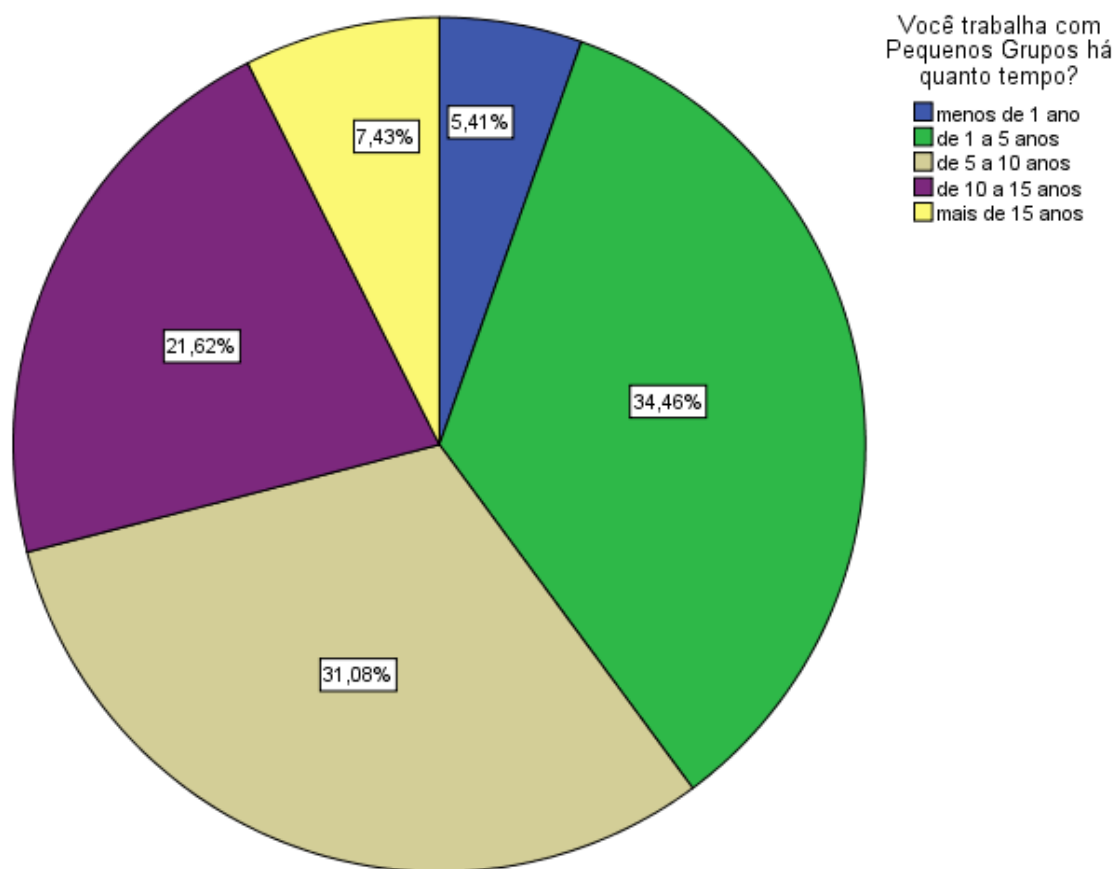


Figura 3. Quanto ao tempo de trabalho com Pequenos Grupos.

A Tabela 1 mostra que há uma semelhança entre o tempo de ministério e o tempo de trabalho com PGs, ou seja, as porcentagens indicam que os pastores da União Nordeste Brasileira têm em sua maioria trabalhado com Pequenos Grupos desde o seu ingresso no ministério, ou desde o começo das atividades dos PGs na União Nordeste.

Outro dado interessante que deve ser ressaltado é mostrado na Tabela 1. Há uma porcentagem de pastores que tem menos tempo de ministério do que tempo de trabalho com Pequenos Grupos. Um exemplo: conforme a Tabela 1, 2% dos pastores que têm menos de 1 ano de ministério já trabalham com PGs há 10 ou 15 anos. O que isso indica? Indica que na União Nordeste Brasileira há uma parcela significativa dos respondentes

que já trabalhavam com o ministério de PGs antes de se tornarem pastores. É um bom número de membros da igreja que foi fazer teologia com uma preparação no Ministério de Pequenos Grupos, tendo ocorrido na igreja, antes do Seminário.

Tabela 1

Cruzamento de Dados: Tempo de Ministério com Tempo de Trabalho com PGs

% of Total		Você trabalha com Pequenos Grupos há quanto tempo?					Total
		menos de 1 ano	de 1 a 5 anos	de 5 a 10 anos	de 10 a 15 anos	mais de 15 anos	
Você é Pastor há quanto tempo?	menos de 1 ano	1,4	1,4	3,4	2,0		8,1
	de 1 a 5 anos	2,7	22,3	4,7	1,4	,7	31,8
	de 5 a 10 anos	,7	6,8	8,8	2,0	,7	18,9
	de 10 a 15 anos		2,7	7,4	4,7	,7	15,5
	de 15 a 20 anos		,7	5,4	7,4	,7	14,2
	mais de 20 anos	,7	,7	1,4	4,1	4,7	11,5
Total		5,4	34,5	31,1	21,6	7,4	100,0

Quanto à Desistência do Ministério de PGs

Indagados se já haviam abandonado o trabalho com PGs em algum momento do ministério pastoral, os respondentes mostraram, conforme Figura 4, que 63,09% nunca o fizeram; dos respondentes 2,68 já haviam abandonado e 34,23% indicaram que haviam abandonado, mas voltado a trabalhar com PGs.

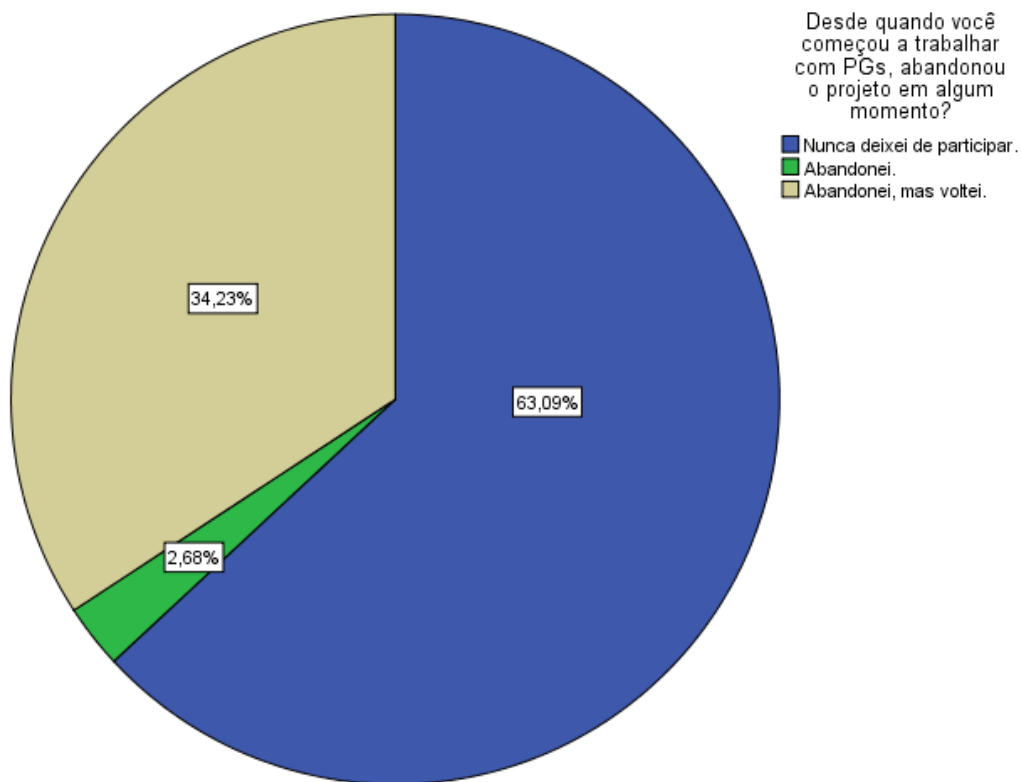


Figura 4. Quanto à desistência com o trabalho com PGs.

A Figura 4 mostra uma realidade preocupante, pois cerca de 35% dos respondentes sinalizaram algum nível de desistência com o ministério de PGs, mas voltaram a trabalhar com os PGs. Isso revela algum tipo de frustração com o trabalho.

A Tabela 2 mostra o cruzamento de dados entre a desistência do trabalho com PGs e o tempo de ministério. O quadro mostrou que entre os que desistiram, mas voltaram, há uma concentração de 19% dos respondentes dentre os pastores entre 1 e 10 anos de ministério.

Tabela 2

Cruzamento de Dados de Tempo de Trabalho com PG e Tempo de Ministério Pastoral

% of Total		Você é Pastor há quanto tempo?						Total
		menos de 01 ano	de 1 a 5 anos	de 5 a 10 anos	de 10 a 15 anos	de 15 a 20 anos	mais de 20 anos	
Desde quando você começou a trabalhar com PGs, abandonou o projeto em algum momento?	Nunca deixei de participar	5,4	20,8	10,7	10,7	6,7	8,7	63,1
	Abandonei	1,3		,7		,7		2,7
	Abandonei, mas voltei	1,3	10,7	8,1	4,7	6,7	2,7	34,2
Total		8,1	31,5	19,5	15,4	14,1	11,4	100,0

Entre os que têm mais de 20 anos de ministério apenas 2,7% abandonaram em algum momento o trabalho com PGs. Dado que pode controverter o pensamento de um ou outro que indica que quanto mais tempo de ministério maior a dificuldade com ministério de PGs. A pesquisa revelou que dentre os que têm entre 1 e 10 anos de ministério têm uma maior dificuldade com o trabalho com PGs.

A Tabela 3 mostrou que dentre os que desistiram, mas voltaram 62,8% ou 21,5% do universo total de respondentes têm dúvidas sobre a relação dos PGs com os departamentos da Igreja.

Já dentre os que não abandonaram o trabalho com PGs, 31% deles disseram que

não têm dúvidas sobre o ministério de PGs. Do universo total de respondentes esse número representa 20,1%. Número bem maior comparado aos que não têm dúvidas e abandonaram, representando apenas 6,7% do total.

Tabela 3

Cruzamento de Dados Desistência de Trabalho com PGs com Dúvidas sobre PGs

% of Total		Quais as maiores dúvidas sobre PGs?			Total
		Relação com os Departamentos da Igreja	Relação com o evangelismo público	Não há dúvidas	
Desde quando você começou a trabalhar com PGs, abandonou o projeto em algum momento?	Nunca deixei de participar	32,2	10,7	20,1	63,1
	Abandonei	,7	2,0		2,7
	Abandonei, mas voltei	21,5	6,0	6,7	34,2
Total		54,4	18,8	26,8	100,0

Quanto à Participação do Pastor em um PG

Partindo do pressuposto de que todos os pastores participam de um Pequeno Grupo, foi indagado dele qual motivo o levava a fazer parte do PG. A Figura 5 mostra que a grande maioria dos respondentes faz parte de um PG porque considera que é essencial para a vida da igreja (61,07%) e entende que é um assunto bíblico e profético (26,85%).

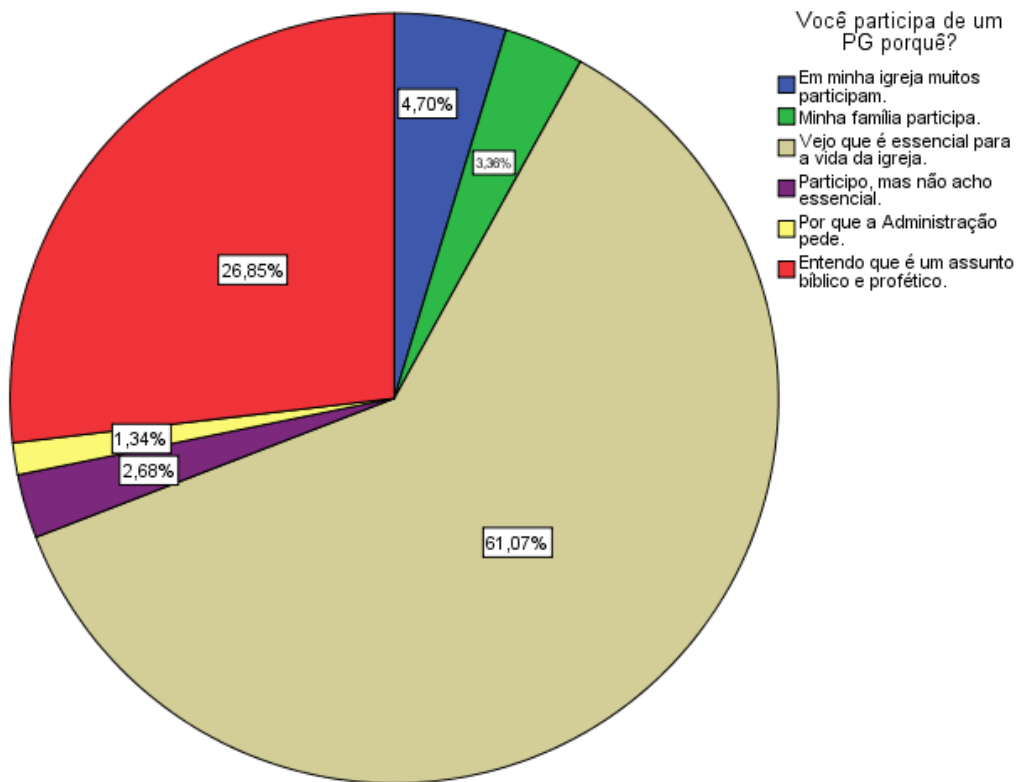


Figura 5. Quanto ao motivo para participar de um PG.

Apenas 1,34% dos respondentes indicou participar porque a Administração da Associação/Missão pede.

Quanto aos Motivos do Fechamento dos PGs na Igreja

Muitas igrejas na União Nordeste Brasileira experimentaram em algum momento o fechamento de Pequenos Grupos, ou integralmente ou de modo localizado. Indagados sobre o motivo de terem sido fechados, os pastores indicaram que na maior parte o motivo era a visão mal entendida dos PGs por parte da liderança. A Figura 6 mostra que dos respondentes 70,47 disseram que os líderes não entenderam a visão correta, já 14,77% indicaram que a reunião era sem vida.

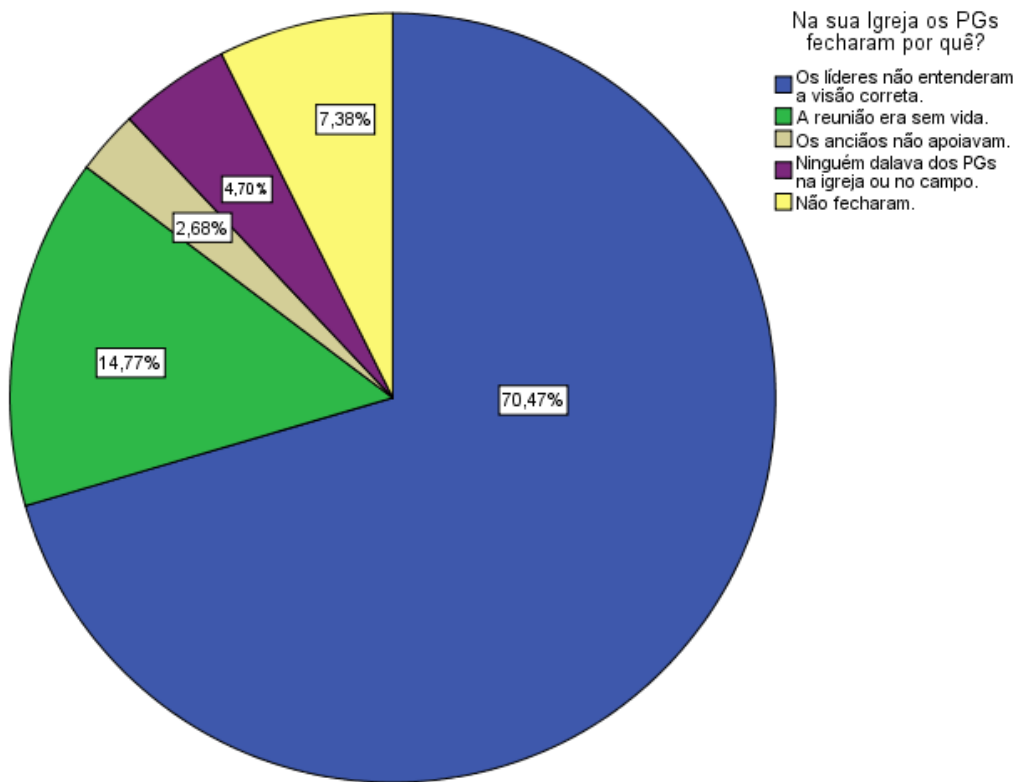


Figura 6. O motivo do fechamento dos PGs nas igrejas.

Dos respondentes 70,47 indicaram que os líderes não entendiam a visão correta sobre PGs e, segundo eles, esse foi um motivo primordial para o fechamento dos PGs nas igrejas: Visão não entendida.

Fazendo um cruzamento entre o motivo do fechamento dos PGs na igreja e o tempo de ministério dos Pastores, como se vê na Tabela 4, encontrou-se um dado relevante: Dos que indicaram 36,18 que os PGs fecharam por falta de visão correta dos líderes, ou 25,5% dos respondentes, encontram-se entre o 1º e o 5º ano de ministério. Isso pode direcionar um trabalho especial voltado para o entendimento da visão correta dos PGs por parte dos pastores que têm esse tempo de ministério.

Tabela 4

Cruzamento de Dados sobre o Motivo do Fechamento dos PGs e Tempo de Ministério

% of Total		Você é Pastor há quanto tempo?						Total
		menos de 1 ano	de 1 a 5 anos	de 5 a 10 anos	de 10 a 15 anos	de 15 a 20 anos	mais de 20 anos	
Na sua Igreja os PGs fecharam por quê?	Os líderes não entenderam a visão correta	6,7	25,5	12,1	10,7	8,7	6,7	70,5
	A reunião era sem vida	,7	2,7	4,0	4,0	1,3	2,0	14,8
	Os anciãos não apoiavam				,7	2,0		2,7
	Ninguém falava dos PGs na igreja ou no campo		,7	1,3		1,3	1,3	4,7
	Não fecharam	,7	2,7	2,0		,7	1,3	7,4
Total		8,1	31,5	19,5	15,4	14,1	11,4	100,0

Quanto à Lição dos PGs

Foi indagado dos respondentes qual a opinião deles em relação à qualidade da lição estudada nas reuniões semanais dos Pequenos Grupos. Esperou-se, assim, que o pastor distrital manifestasse as opiniões que ele, como líder, recebeu dos integrantes dos PGs espalhados por todos os estados da União Nordeste Brasileira.

A Figura 7 mostra duas opiniões bem díspares sobre a lição dos PGs. Para apenas 0,67% dos respondentes, a lição deveria ser maior, enquanto que para 10,07% a lição deveria ser menor. Já a maioria dos respondentes, 59,73%, indicou que a lição deveria ser

mais interativa. Inquirindo do estudante da lição uma participação mais profusa, talvez até *on-line*.

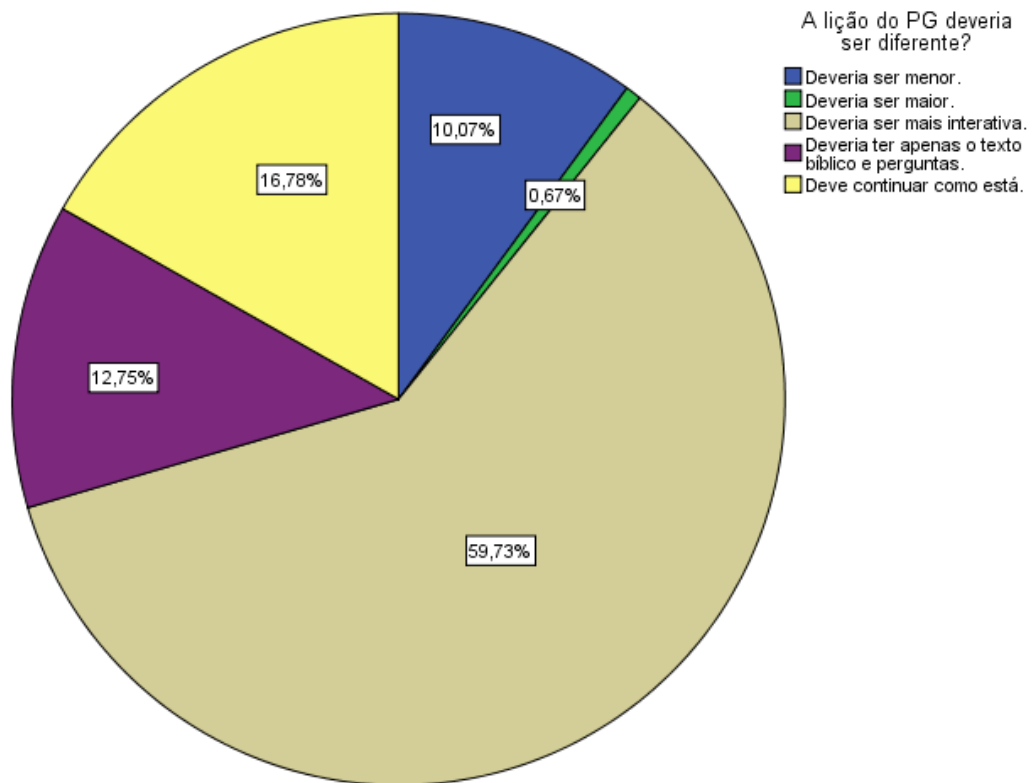


Figura 7. Formato da lição do Pequeno Grupo.

A Tabela 5 mostra um dado relevante. Cruzando os dados entre a questão “A lição do PG deveria ser diferente?”, com as maiores dificuldades que os PGs encontram, descobriu-se que dos 59,7% que responderam que a lição deveria ser mais interativa 34,2% dos pastores indicaram ter muitas atividades ministeriais. Dado que revela que talvez a falta de tempo para depreender-se com o Pequeno Grupo local resulta em menor

interação com a lição. Já 22,8% dos que ainda consideram a lição pouco interativa indicaram que falta visão da liderança, mostrando certamente como opção a elaboração de uma lição interativa voltada somente para o líder de PG.

Tabela 5

Cruzamento de Dados Relativos a Mudanças na Lição e Maiores Obstáculos para os PGs

% of Total	Quais os maiores obstáculos para os PGs?					Total
	Muitas atividades ministeriais	Falta de apoio administrativo	Falta de visão por parte da igreja	Resultados batismais a desejar	Eu não possuo conhecimento a respeito	
A lição do PG Deveria ser menor. deveria ser diferente?	6,7	,7	2,0	,7		10,1
Deveria ser maior				,7		,7
Deveria ser mais interativa	34,2	,7	22,8	1,3	,7	59,7
Deveria ser mais interativa	34,2	,7	22,8	1,3	,7	59,7
Deveria ter apenas o texto bíblico e perguntas	8,7		2,7	,7	,7	12,8
Deve continuar como está	11,4		5,4			16,8
Total	61,1	1,3	32,9	3,4	1,3	100,0

Os Maiores Obstáculos para os Pequenos Grupos

Entende-se que se o ministério de Pequenos Grupos não tem obtido êxito em algumas realidades específicas, supõe-se que há obstáculos que dificultam o seguimento do trabalho dos PGs e eles são comuns nas mais diversas situações.

Averiguando quais os maiores obstáculos que os PGs enfrentam no cotidiano denominacional como mostra a Figura 8, dos pastores, 61,07 disseram que as muitas atividades ministeriais é o maior empecilho para os PGs. Já para 32,89%, a maior dificuldade para os PGs é a falta de visão por parte da igreja.

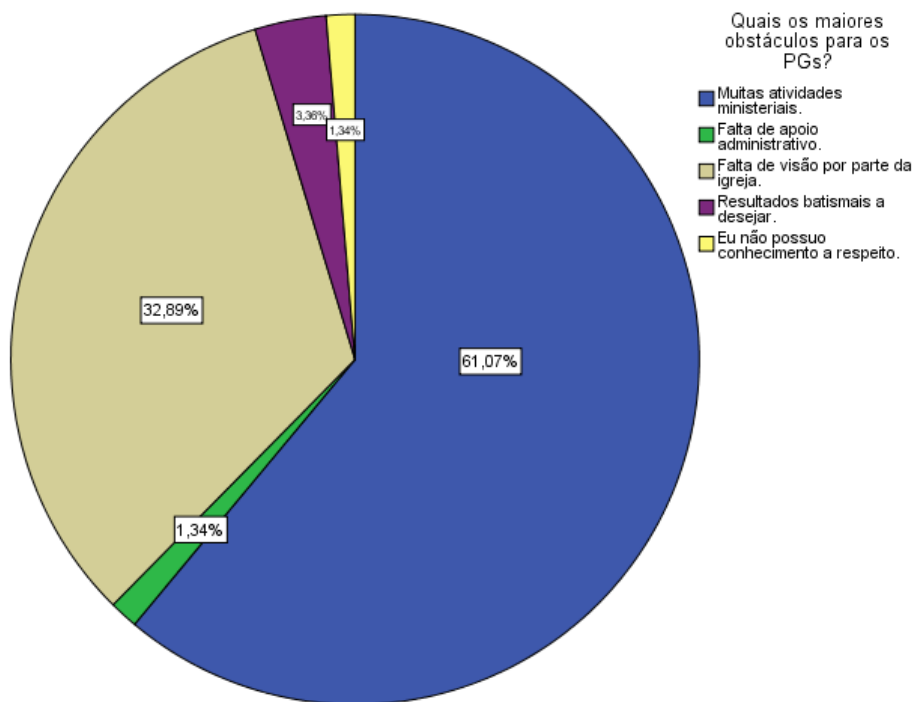


Figura 8. Os maiores obstáculos para os PGs.

A Tabela 6 mostra o perfil dos que apontaram os maiores obstáculos para os PGs em relação com o tempo de ministério. É interessante ressaltar que dos 61,7% dos

respondentes que disseram que o acúmulo de atividades ministeriais é o maior empecilho para o desenvolvimento dos PGs, 16,1% têm entre 1 e 5 anos de trabalho ministerial.

Mais uma tabela de cruzamento de dados que indica que os pastores que têm entre 1 e 5 anos de ministério necessitam de uma atenção mais acurada.

Dos respondentes que disseram que o maior obstáculo para os PGs era a falta de visão por parte da igreja, mais uma vez concentrou-se entre os pastores entre 1 e 5 anos de ministério a maior porcentagem, 12,8%.

Tabela 6

Cruzamento de Dados Referentes a Tempo de Ministério e os Maiores Obstáculos para os PGs

% of Total		Quais os maiores obstáculos para os PGs?					Total
		Muitas atividades ministeriais	Falta de apoio administrativo	Falta de visão por parte da igreja	Resultados batismais a desejar	Eu não possuo conhecimento a respeito	
Você é	menos de 01 ano	5,4		2,7			8,1
Pastor há	de 1 a 5 anos	16,1	,7	12,8	,7	1,3	31,5
quanto	de 5 a 10 anos	12,8		6,0	,7		19,5
tempo?	de 10 a 15 anos	8,7	,7	5,4	,7		15,4
	de 15 a 20 anos	9,4		4,0	,7		14,1
	mais de 20 anos	8,7		2,0	,7		11,4
	Total	61,1	1,3	32,9	3,4	1,3	100,0

Reunião do Coordenador com o Líder de PG

Como orientação, os envolvidos com o ministério de Pequenos Grupos sabem que precisam periodicamente reunir-se para avaliar o andamento das atividades e receber diretrizes quanto ao funcionamento dos PGs. Sobre essas reuniões, feitas pelos coordenadores e líderes de cada igreja, foi perguntado qual a frequência que melhor se adequa às atividades dos envolvidos e ao sucesso do desenvolvimento dos PGs.

Os respondentes indicaram, em sua maioria (57,05%), que essa reunião deveria ser quinzenal, conforme se observa na Figura 9.

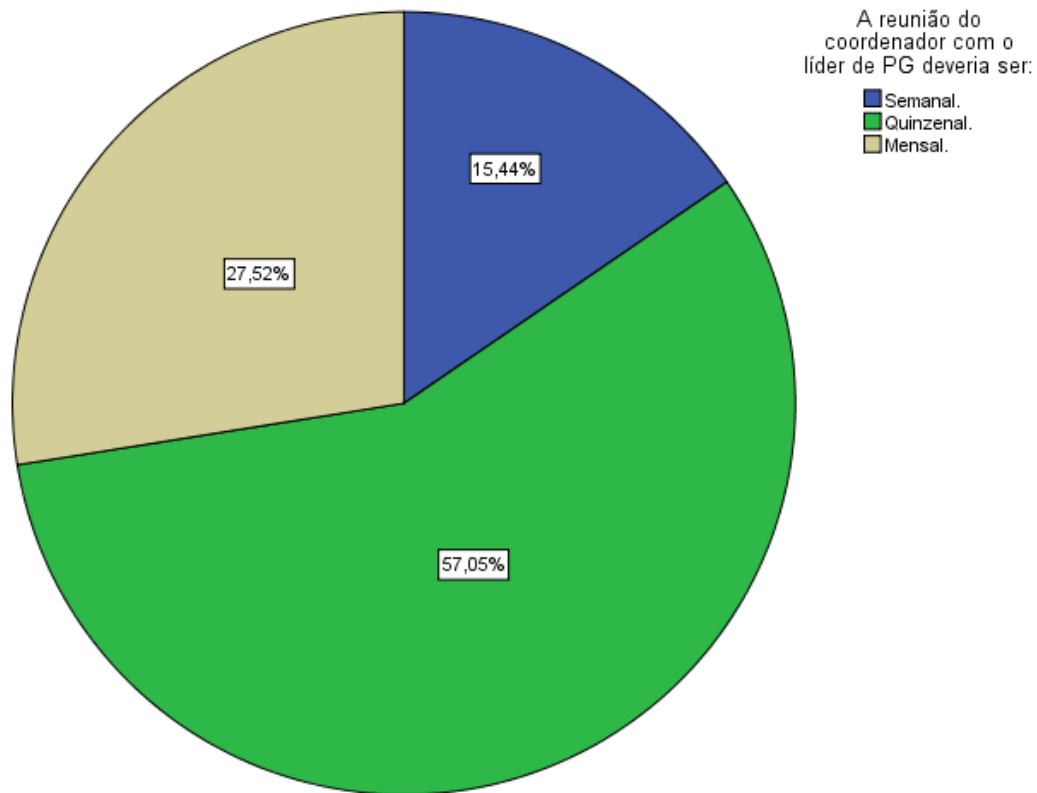


Figura 9. Frequência da reunião do coordenador com o líder.

Conforme a Tabela 7, que é um cruzamento de dados da frequência da reunião do coordenador com o líder com os motivos pelos quais fecharam os PGs, identificou-se uma tendência percentual reveladora.

Averiguando o que informa a Figura 6, dos respondentes 70,5% disseram que os PGs fecharam em sua igreja por falta de visão do líder. A Tabela 7 cruza os dados obtidos entre o a Figura 6 e a Figura 9.

Tabela 7

Cruzamento de Dados dos Motivos do Fechamento dos PGs com a Frequência de Reunião do Coordenador com o Líder

% of Total		A reunião do coordenador com o líder de PG deveria ser:			Total
		Semanal	Quinzenal	Mensal	
Na sua Igreja os PGs fecharam por quê?	Os líderes não entenderam a visão correta	12,8	38,9	18,8	70,5
	A reunião era sem vida	1,3	9,4	4,0	14,8
	Os anciãos não apoiavam		2,7		2,7
	Ninguém falava dos PGs na igreja ou no campo		2,7	2,0	4,7
	Não fecharam	1,3	3,4	2,7	7,4
Total		15,4	57,0	27,5	100,0

Segundo o que mostra a Tabela 7, os respondentes que indicaram que a reunião do coordenador com o líder deveria ser semanal experimentaram o menor percentual, apenas

12,8% de líderes que entenderam a visão correta de PGs; dado relevante que direciona a solução para falta de visão da liderança (o maior motivo para o fechamento dos PGs) como a reunião semanal entre o coordenador de PG e o líder.

Explorando ainda mais os dados revelados na Tabela 7, os respondentes que disseram que a reunião de controle de PGs deveria ser semanal experimentaram os menores índices percentuais dentre todos os motivos alegados para o fechamento dos PGs nas igrejas.

A reunião semanal da liderança para manter o foco foi mostrada como uma solução para a diminuição dos efeitos dos motivos que fecham os PGs nas igrejas. Assim sendo, a Tabela 8 mostra que os pastores que indicaram que a reunião deveria ser semanal foram os que experimentaram a menor porcentagem entre os que abandonaram ou abandonaram mas voltaram a trabalhar com PGs, conforme indica a Tabela 4.

Tabela 8

Cruzamento de Dados da Desistência do Trabalho com PGs com a Frequência da Reunião do Coordenador com Líder

% of Total		A reunião do coordenador com o líder de PG deveria ser:			Total
		Semanal	Quinzenal	Mensal	
Desde quando você começou a trabalhar com PGs, abandonou o projeto em algum momento?	Nunca deixei de participar	12,1	36,2	14,8	63,1
	Abandonei	0,0	1,3	1,3	2,7
	Abandonei, mas voltei	3,4	19,5	11,4	34,2
Total		15,4	57,0	27,5	100,0

Esses pastores, supracitados, experimentaram 0,0% (entre os que abandonaram) e 3,4% (entre os que abandonaram, mas voltaram). Contra, respectivamente, 2,6% e 30,9%. Esses últimos que preferiram serem quinzenais e mensais as reuniões da coordenação com a liderança de PG.

O Coordenador Principal dos PGs

Entende-se, certamente, que o ministério de PGs precisa ser coordenado em todas as esferas: igreja local, distrital e Associação/Missão. Mas, perguntados sobre quem deveria ser o coordenador principal dos PGs, os respondentes (56,38%) indicaram que deveria ser um departamental exclusivo para a promoção e coordenação dos PGs como se observa na Figura 10.

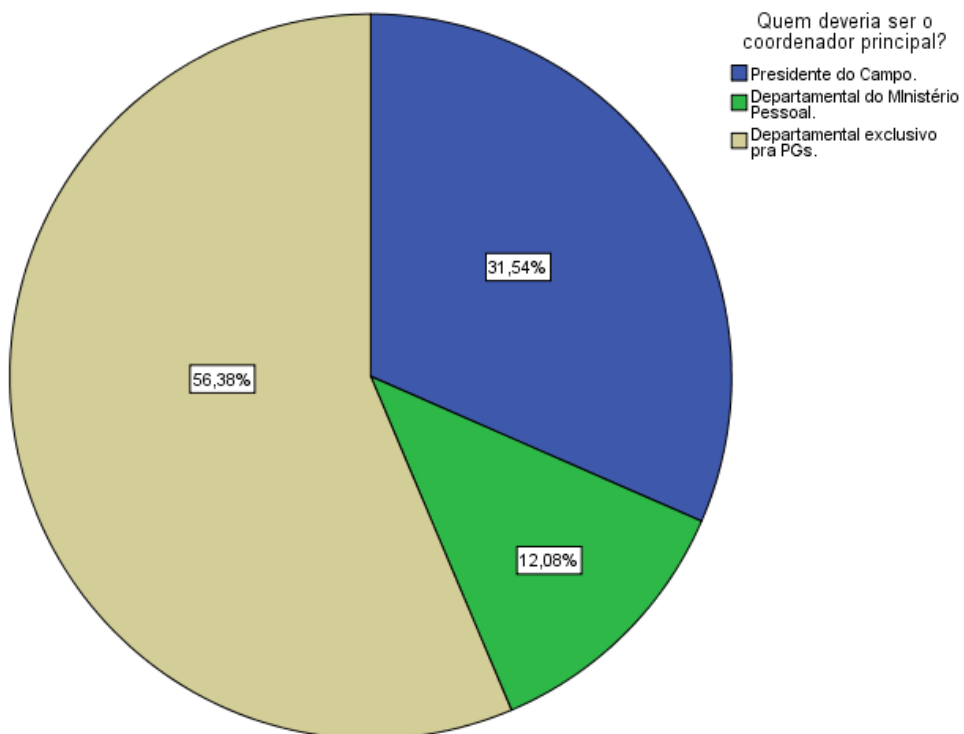


Figura 10. O coordenador principal dos PGs.

Tabela 9

Cruzamento de Dados do Tempo de Ministério com quem Deveria ser Coordenador Principal dos PGs

% of Total		Quem deveria ser o coordenador principal?			Total
		Presidente do Campo	Departamental do Ministério Pessoal	Departamental exclusivo pra PGs	
Você é Pastor há quanto tempo?	menos de 01 ano	2,0	2,0	4,0	8,1
	de 1 a 5 anos	8,1	2,7	20,8	31,5
	de 5 a 10 anos	7,4	2,0	10,1	19,5
	de 10 a 15 anos	4,0	1,3	10,1	15,4
	de 15 a 20 anos	6,0	1,3	6,7	14,1
	mais de 20 anos	4,0	2,7	4,7	11,4
Total		31,5	12,1	56,4	100,0

É interessante também notar que à medida que aumentam os anos de ministério diminuem as porcentagens que indicam que deveria haver um departamental exclusivo para PGs. Portanto, a predileção por haver um departamento exclusivo para PGs é uma tendência própria dos que têm pouco tempo de ministério.

Cruzando os dados sobre quem deveria ser o coordenador principal de PGs com os motivos que levaram ao fechamento de PGs nas igrejas, descobriu-se que, conforme se vê na Tabela 10, dos que indicaram que a falta de visão da liderança era o motivo principal para o fechamento dos PGs, 38,3% disseram que deveria haver um departamento exclusivo para PGs.

Tabela 10

Cruzamento de Dados do Tempo de Ministério com quem Deveria ser Coordenador Principal dos PGs

% of Total		Quem deveria ser o coordenador principal?			Total
		Presidente do Campo	Departamental do Ministério Pessoal	Departamental exclusivo pra PGs	
Na sua Igreja os PGs fecharam por quê?	Os líderes não entenderam a visão correta	21,5	10,7	38,3	70,5
	A reunião era sem vida	4,7	,7	9,4	14,8
	Os anciãos não apoiavam	1,3		1,3	2,7
	Ninguém falava dos PGs na igreja ou no campo	2,0	,7	2,0	4,7
	Não fecharam	2,0		5,4	7,4
Total		31,5	12,1	56,4	100,0

Tabela 11

Cruzamento de Dados do Abandono do Trabalho com quem Deveria Ser o Coordenador Principal

% of Total		Quem deveria ser o coordenador principal?			Total
		Presidente do Campo	Departamental do Ministério Pessoal	Departamental exclusivo pra PGs	
Desde quando você começou a trabalhar com PGs, abandonou o projeto em algum momento?	Nunca deixei de participar	19,5	6,0	37,6	63,1
	Abandonei	,7	,7	1,3	2,7
	Abandonei, mas voltei	11,4	5,4	17,4	34,2
Total		31,5	12,1	56,4	100,0

Esse dado revela que um departamental exclusivo para PGs pode ser necessário para alimentar e manter a visão da liderança, motivo primordial alegado pelos respondentes para o fechamento dos PGs nas igrejas. No entanto, conforme indica a Tabela 11, apenas 1,3% dos respondentes, que preferem um departamento exclusivo para PGs, abandonaram o ministério dos PGs.

A Reunião dos Pequenos Grupos Pastorais (PGP)

Os pastores foram indagados sobre a importância dos Pequenos Grupos feitos por pastores distritais e liderados por pastores departamentais. Para a maioria dos respondentes (89,93%), a reunião do PGP é importante para o seu ministério, conforme mostra a Figura 11.

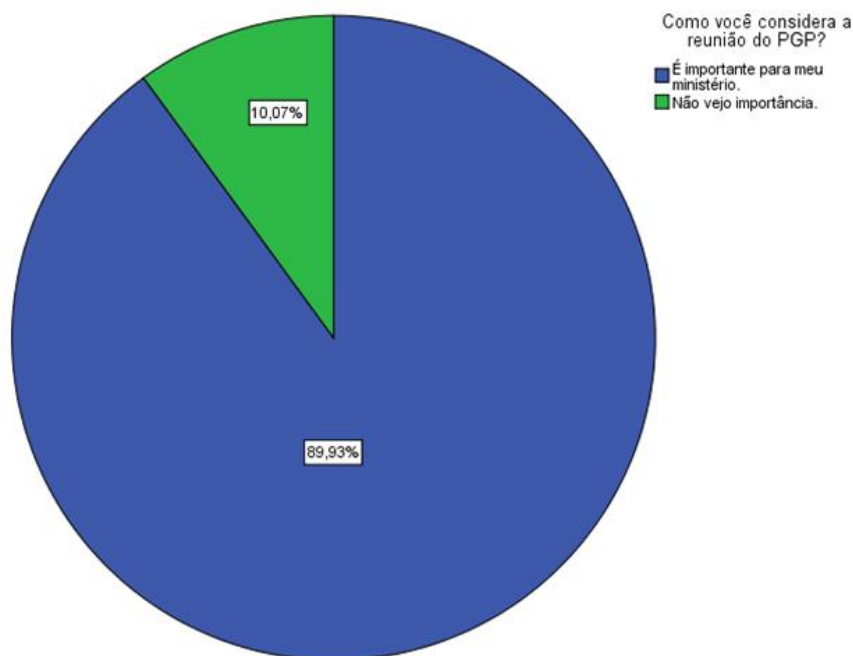


Figura 11. A importância da reunião do PGP.

As Maiores Dúvidas sobre PGs

Os respondentes foram indagados sobre quais seriam as suas maiores dúvidas sobre o ministério de PGs. Entende-se que muitas dificuldades que o PG enfrenta na igreja podem ser sanadas com a compreensão das dúvidas por parte dos envolvidos com os PGs.

Conforme a Figura 12, dos respondentes 54,36 indicaram que as maiores dúvidas são sobre a relação dos PGs com os demais departamentos da igreja.

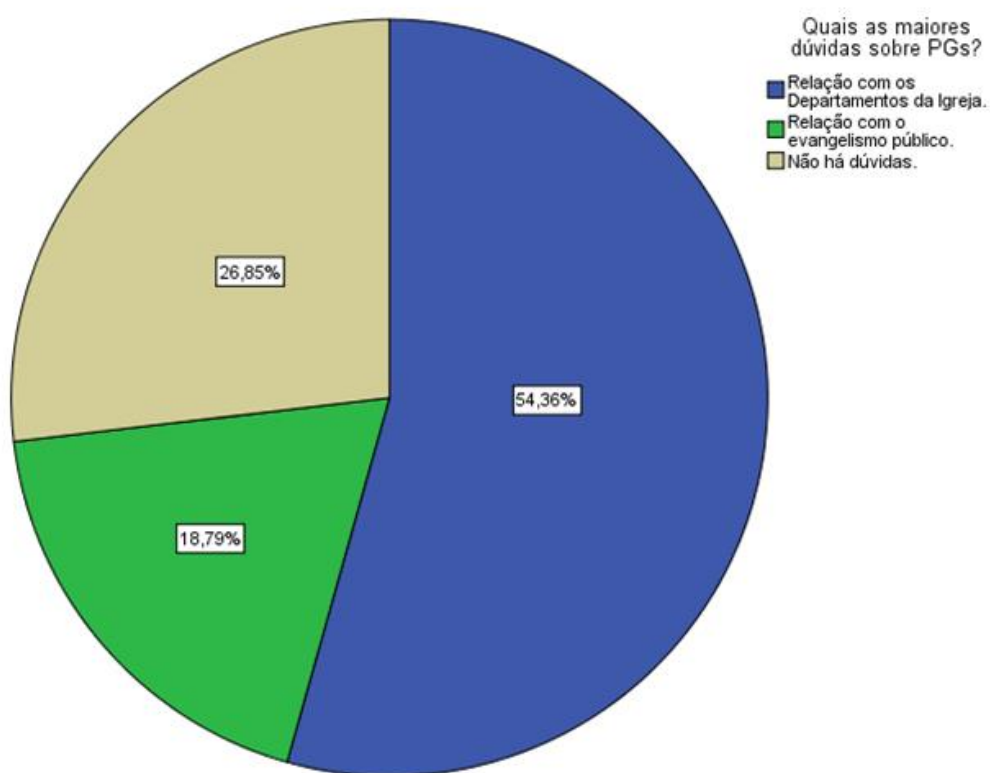


Figura 12. As maiores dúvidas sobre PGs.

Entre os 54,36% dos que indicaram que as maiores dúvidas sobre os PGs se concentram sobre como relacioná-los com os departamentos da igreja, como sugere a Tabela 12, do total de respondentes 43,0 também indicam que seus líderes não entenderam a visão correta, ou seja, o dado direciona o pensamento para melhorar a visão dos líderes da igreja, mostrando como os PGs se relacionam com os departamentos da igreja. Fazer isso pode melhorar a visão que o líder tem sobre o ministério de PGs.

Tabela 12

Cruzamento de Dados dos Motivos que Fecharam os PGs com as Maiores Dúvidas sobre PGs

% of Total		Quais as maiores dúvidas sobre PGs?			Total
		Relação com os Departamentos da Igreja	Relação com o evangelismo público	Não há dúvidas	
Na sua Igreja os PGs fecharam por quê?	Os líderes não entenderam a visão correta	43,0	10,7	16,8	70,5
	A reunião era sem vida	6,7	3,4	4,7	14,8
	Os anciãos não apoiavam	1,3	1,3		2,7
	Ninguém falava dos PGs na igreja ou no campo	2,0	1,3	1,3	4,7
	Não fecharam	1,3	2,0	4,0	7,4
Total		54,4	18,8	26,8	100,0

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Este capítulo tem o objetivo de esclarecer as perguntas relacionadas ao problema que originou a pesquisa, bem como apresentar algumas conclusões da pesquisa e formular propostas de novos estudos.

O assunto de pequenos grupos é vasto e pauta a agenda das 8 maiores igrejas do mundo e diversas denominações, incluindo a Adventista do sétimo Dia. Todavia, é notório como se precisa de uma maior assimilação da visão e prática por parte de pastores (administradores, departamentais e distritais) e leigos (coordenadores e líderes).

Perguntas relacionadas ao problema da pesquisa e comentários, como seguem:

1. Quais os fatores que mais dificultam o envolvimento com o projeto?

Os pastores analisaram que eles possuem muitas atividades ministeriais para serem desenvolvidas. Eles vão aos concílios e de lá saem com uma enorme gama de projetos e programas para serem executados. Cada departamento da igreja apresenta-se como o mais importante, isso causa uma profunda falta de conhecimento por parte do pastor em saber qual a prioridade que dele se espera.

A Igreja Adventista tornou-se uma igreja de programas e eventos, onde é preenchido um longo calendário de atividades e os departamentos correm para atingir a expectativa dos *ouvintes* ou *assistentes*. Dessa forma, os pastores realizam muito, porém não conseguem centralizar força em nada ou quase nada, pois precisam largar o que estão

fazendo para começar uma outra tarefa. Sem contar com a mesma dificuldade vivida pela igreja.

O pastor termina sendo mais um bombeiro, pois corre para apagar fogo em diversos locais a todo tempo. Poucas igrejas tem um ponto definido no horizonte para os membros olharem. Se uma pessoa perguntasse ao pastor, um oficial da igreja e membros da congregação, qual era a ênfase ou visão da igreja, possivelmente ela ouviria várias respostas diferentes, pois o excesso de atividades e programas confundem as pessoas. Seria como estar em um elevador olhando para os números dos andares sem saber qual apertar ou apertar todos, pois não se sabe qual o andar definido. Igrejas sem foco é aquela que olha para todos os botões de um elevador e aperta todos. Resultado? Pode ter algum progresso porque sobe, mas poderia subir bem mais rápido.

2. Por que os pequenos grupos fecharam em algumas igrejas?

Mais de 70% dos pastores responderam que a falta de visão correta fez com que os líderes desanimassem e os membros não fizessem mais parte de um pequeno grupo. Tal ausência de visão acarretou no segundo maior item eleito pelos pastores: reunião sem vida.

O primeiro elemento (falta de visão) é produzido quando o pastor não participou de um PGP protótipo (grupo de pastores reunindo-se semanalmente para aprendizagem do projeto). O conhecimento foi tão somente teórico (ouviu sobre o assunto. Às vezes, nunca leu nada sobre o assunto) e repassou para seus líderes e membros com a garantia de que valeria a pena viverem esse estilo de vida.

Sem o conhecimento teórico devido, o projeto instala-se na igreja e rapidamente dezenas pessoas aceitam serem líderes e abrirem suas casas para receberem pessoas

semanalmente sem saberem como dirigir a reunião ou o que fazer a mais com seu grupo. No início tem o fator novidade, porém depois gera a rotina e o fracasso é inevitável. Líderes que não sabem onde vão chegar, não são capazes de conduzirem seus rebanhos em *pastos verdejantes*. E por desconhecerem tais pastos, conduzem os rebanhos) pelo *vale da sombra e da morte*.

Outro ponto interessante é que o tema não é prioridade para alguns administradores. Alguns apoiam o ministério dos pequenos grupos com alguma palestra ou presença em um encontro de líderes. Porém, para ter êxito é preciso mais que apoiar verbalmente. É preciso comprometimento no tempo, recursos e abordagens. As igrejas em células descobriram que quando uma igreja trabalhava com tal proposta e o líder promotor não era o pastor geral, tempo depois o projeto inteiro naufragava. Por que? Os membros percebiam que se o assunto fosse importante, estaria nas mãos do pastor titular. Por isso, o administrador da Associação ou União apenas dizer que apoia é insuficiente para a eficácia da estrutura.

Uma igreja que quer ter uma maior mobilização e desenvolvimento de líderes precisa estar disposta a pagar o preço.

Alguns pontos realçados pelo autor na biografia da igreja Elim:

Os membros precisam ter paixão por pessoas que estão vivendo longe de Deus e sua vontade.

Os membros precisam ter persistência na jornada cristã e no trabalho sistemático das células, já que precisa acontecer semanalmente e para isso precisam de reuniões regulares.

A igreja precisa focar na multiplicação de líderes. Antes de pensar em multiplicar células, precisa pensar em multiplicar pessoas que irão liderar tais células.

O pastor titular precisa ter a visão de uma igreja em células. Não pode ser o associado ou membro influente. O pastor precisa liderar o processo da implantação e desenvolvimento.

Donahue e Robinson (2001) fazem a seguinte consideração a respeito deste tema:

Se sua igreja vai se transformar numa igreja baseada em grupos depende do pastor titular e de como a mudança ocorre na sua congregação. Você não vai construir a igreja de pequenos grupos se o pastor titular não endossar e viver completamente essa ideia. Os líderes principais da igreja podem fazer tremenda diferença no levar avante a nova estratégia, mas é o pastor titular que comanda o poder do púlpito, fornece pistas para a congregação sobre o que importa mais, modela a vida preferida da igreja e convida as pessoas para o envolvimento. Se você é o pastor titular de sua igreja, lembre-se: Você influencia as decisões mais do que imagina.(p. 246)

Outro ponto interessante encontrado em uma igreja que possui uma rede pequenos grupos e, através deles, desenvolve suas atividades e busca o crescimento é que ela estabelece contínuo desafio para vários líderes e seus grupos. Uma igreja estabelecida e antiga tem mais dificuldade de crescimento usando a velha estrutura do pastor e alguns oficiais. Como diz Comiskey (2010), igrejas estabelecidas possuem a tendência de cuidarem mais de seus programas, prédios, manutenção em geral e no perfil de seu pastor. Igrejas novas precisam crescer para não morrer. É nessa moldura que se encaixam os pequenos grupos. Eles precisam crescer para não morrer, por isso semanalmente vão à procura de novos amigos para os grupos. Por essa razão, Ogden (2003) diz que é preciso a igreja sair de uma igreja baseada em programas para investir em relacionamentos pessoais.

3. O que fazer para a manutenção dos pequenos grupos?

Para o fortalecimento de um projeto é preciso um início marcante e constante avaliação. Muitos projetos são começados bem, porém vão perdendo sua força com o passar do tempo devido à ausência de um gerenciamento das atividades.

Os pastores indicaram que deve existir uma reunião quinzenal ou semanal envolvendo os coordenadores (líderes gerais na igreja e líderes de pequenos grupos). Esses encontros servem para a devida nutrição espiritual, troca de experiências, avaliação do projeto e planejamento de atividades em comum para os PGs da igreja local.

Para Bechham (2007),

Tudo que acontece em uma igreja em células—as celebrações semanais, os eventos de colheita, o treinamento e preparo para os retiros, os retiros, as reuniões para supervisão—existe para apoiar as células. Tudo está relacionado com a comunidade básica da célula. (p. 44)

Alguns pastores reúnem-se mensalmente com seus líderes e coordenadores e outros pastores nem possuem uma sistemática definida de reuniões de manutenção. Isso explica a falta de interesse por muitos membros e líderes, pois descobrem que além de contar com a sorte para o êxito, sentem-se parte de uma multidão de pessoas isoladas, sem conexão.

Falando da igreja de Elin, El Salvador, Comiskey (2006) ressalva que “a igreja usa estatísticas, gráficos e porcentagens para determinar exatamente onde se encontram em qualquer momento dado. Os alvos são estabelecidos e seguidos em qualquer nível”(p. 128).

4. Quais as maiores dúvidas sobre pequenos grupos?

Algumas poucas dúvidas foram apresentadas, entre elas destacaram-se a relação do PG com os departamentos e a relação do PG com o evangelismo público.

Dos que responderam, pelo menos satisfatoriamente, a maioria (31,54%) tem até 5 anos de ministério, contra 15,44% que possuem mais de 5 anos de ministério.

Esse dado pode revelar um aspecto positivo que é a vontade dos pastores iniciantes em mostrar o que pensam e o que estão fazendo na igreja, além de revelar todo o ímpeto de alguém que está no primeiro amor profissional, nesse caso, a paixão ministerial. Por outro lado, pode revelar um aspecto negativo que é certa despreocupação por parte dos pastores mais antigos em responder o que pensam ou o que fazem. Na prática, profissionais, de diversos segmentos, pensam que somente a diretoria pode opinar, ou pior, já se decepcionaram tanto com a falta de abertura para comunicação que imaginam não valer a pena opinar sobre determinados aspectos da empresa ou avaliarem o programa de trabalho.

Na igreja também é comum ouvir isso de pastores com determinado tempo de ministério. Alguns não acreditam que podem ser chamados para uma conversa franca e aberta com a direção da Associação ou União e que essa conversa pode gerar mudanças no programa de trabalho ou sua satisfação ministerial. Dessa forma, por que responder mais uma pesquisa?

A maioria dos pastores na União Nordeste Brasileira desenvolve seu trabalho com pequenos grupos desde seu ingresso no ministério ou desde a implantação dessa metodologia na UNeB. Esse ponto é interessante e relevante porque o gráfico sinaliza que alguns pastores estão envolvidos com o projeto há 15 anos ou mais. Daí a razão que motivou esta pesquisa: por que muitos estão envolvidos há bastante tempo com PGs e ainda não temos uma igreja consolidada e com a visão correta no Nordeste? Falta foco? Será que existe excesso de atividades ministeriais e os pastores não conseguem

desenvolver a contento o trabalho da liderança dos pequenos grupos? Será que os pastores possuem a visão correta dos PGs ou entendem que são apenas reuniões semanais nas casas com um programa rígido e burocrático, sem vida? O que fazem os líderes de pequenos grupos para desenvolverem os membros? Essas perguntas talvez expliquem o motivo de 34,23% dos pastores terem trabalhado com os pequenos grupos e abandonado em algum momento, muito embora tenham voltado a se envolverem.

Existem 2 tabus quanto aos pequenos grupos: sua relação com os departamentos da igreja e o segundo é quanto a sua capacidade de atrair ou trazer pessoas para a igreja.

Com relação aos departamentos da igreja, nada mais natural do que ver o choque de visão ou entendimento, pois a Igreja Adventista do Sétimo Dia trabalha com vários departamentos há mais de cem anos, e cada ano que passa mais ideias e programas.

Portanto, surge naturalmente a pergunta de muitos: preciso abandonar os departamentos? Ou seja, como farei para integrar os departamentos à estrutura de uma igreja que focaliza sua atenção nos pequenos grupos? Qual a função dos líderes dos departamentos? São excludentes ou includentes? Por isso, as igrejas mais antigas têm mais dificuldades em ver mudanças em sua metodologia de trabalho. Utilizam-se dos pequenos grupos como meras reuniões nas casas e utilizam os departamentos para as atividades na igreja. Nada além disso.

“O melhor ambiente para fazer discípulos é a intimidade e confiança de um grupo pequeno. No grupo-célula, os visitantes podem formar relacionamentos, descobrir dons, satisfazer suas necessidades, curar feridas, recobrar a esperança e edificar sua fé” (Morris, 2003, p. 202).

Na verdade, os dois são importantes para a vida da igreja. Os departamentos trabalham com capacitação, eventos e programas para os membros da igreja, a partir dos PG's, enquanto que os pequenos grupos edificam vidas, criam comunidades e evangelizam. Exemplos:

Recepção x PG's

A equipe de recepção colherá os nomes dos convidados/ visitantes e no mesmo culto passará para os líderes de pequenos grupos que farão as visitas durante a semana e convidarão para os pequenos grupos (os líderes deverão ser os que lideram grupos nas proximidades dos convidados/ visitantes).

Mordomia

A jornada espiritual terá suas inscrições a partir dos líderes de pequenos grupos (estes inscreverão os membros) e passarão para o diretor de mordomia da igreja local. O líder de PG poderá acompanhar seus membros que participaram da jornada espiritual durante suas visitas e no relatório semanal do PG.

Escola Sabatina

As assinaturas de lições serão feitas nos pequenos grupos e entregues ao diretor de ES da igreja. Aumentará a agilidade da promoção. O diretor da ES fará a promoção na igreja semanalmente.

Ministérios da Mulher

Em dia de batismo, a diretora do MM chamará o líder de PG que atua na proximidade do batizando e este indicará uma pessoa (membro do PG) que atuará como

guardião espiritual do batizando. Os eventos do departamento terão suas inscrições trabalhadas pelos líderes de PG's e em seguida passarão a líder do MM.

Ministério Pessoal

Os líderes de PG's constatarão a necessidade, em seus membros, de capacitação na área missionária e pedirá ao diretor do MIPES que promova um encontro para o devido treinamento. O líder de MIPES acompanhará os alvos e interessados dos PG's e relatará nos cultos dos sábados, no momento missionário.

Evangelismo

O planejamento precisa de um planejamento estratégico e atividades. Nele deverão constar as áreas: social (confraternizações, passeios, projetos comunitários e aniversários), crescimento espiritual (proposta de regularidade no culto familiar, fidelidade nos dízimos e ofertas, assinaturas de lições ES, e outros), e evangelismo (alvo de interessados nas reuniões semanais e estudantes da Bíblia, alvo de batismo trimestral, duplas missionárias, evangelistas e instrutores de classes bíblicas).

O pequeno grupo deverá ter alvos: batismo trimestral, de interessados no PG e estudando a Bíblia semanalmente.

Com esses alvos em mente, o líder discutirá com seu grupo como conseguir as pessoas que colocaram na lista de intercessão do PG. Daí poderá usar as duplas missionárias, classes bíblicas, evangelismo público, jantar evangelístico, palestras sobre saúde na comunidade, etc.

O PG é livre para usar seus dons para alcançar seu alvo trimestral. O método não importa, o que importa é o grupo unido e mobilizado para buscar pessoas para o reino de

Deus. E a cada final de trimestre, o distrito fará uma assembléia para agradecer a Deus as bênçãos obtidas, multiplicar os PG's e apresentar os testemunhos dos missionários envolvidos.

Área Social

Projetos comunitários: (palestras de saúde, atendimento médico, corte de cabelo, sopão, aplicação de flúor, e outros); passeios; confraternizações (aniversário de nascimento e de casamento, jantar, almoço, pizza, pipocada, e outros); e visitas (hospitais, asilos e maternidades)

Atividades no templo: capacitação (departamentos treinam seus membros e líderes); cultos regulares (sábado, culto JA, domingo e quarta), celebrações (cultos de testemunhos e festivais de colheitas), assembleias (final de trimestre e multiplicação de PG's).

Quanto ao fator de multiplicação de membros (atração e levá-las ao batismo), tem sido o calcanhar de Aquilis na implantação da visão saudável. Muitos apenas enxergam no evangelismo público tradicional a única ferramenta capaz de trazer pessoas à igreja. Constatam que as reuniões nas casas produzem pouco ou lentamente.

Uma coisa que precisa ser esclarecida é que PG é um núcleo administrativo, além de relacional. As pessoas estão em um PG e este grupo participa e realiza algumas atividades, entre elas o evangelismo. Portanto, as pessoas do PG precisam usar seus distintos dons para a proclamação do evangelho. Umas trabalham com duplas missionárias, outras com classes bíblicas e outras com evangelismo público. Porém, as pessoas juntas do PG fazem o evangelismo. Umas recepcionam, outras cantam, outra prega, etc. Por isso, não podemos dizer que quem ganhou as pessoas para Cristo foi o

método do evangelismo público em detrimento do pequeno grupo. O certo seria dizer que quem trouxe as pessoas para Cristo foi o PG utilizando seu dom de evangelismo público.

Na verdade, a estrutura dos pequenos grupos proporciona uma eficácia nos resultados do trabalho de uma igreja. Sai de resultados circunstanciais ou *acidentais* para contínuos. Ou como escreveu Valley (2012), o sucesso é a apresentação da rapidez, cumprimento do programa, algo que precisa funcionar de todas as formas e conseguir o leite a qualquer custo. Já um empreendimento eficaz apresenta : produtividade contínua; efeito desejado; funciona por princípios e cuida da vaca (produtora do leite).

Como o foco do cristianismo é discipulado, ou seja, o novo crente precisa amadurecer e salvar outros, o ambiente mais apropriado encontra-se no pequeno grupo. Como escreveu Cress (2010) o novo membro precisa 3 coisas para se firmar na fé: saber articular as doutrinas; ter amigos na igreja e participar de atividades de grupos. E não existe ambiente melhor para o discipulado do que o pequeno grupo. Lá, segundo Abdala (2013), existe uma visão holística e intencional que facilita o desenvolvimento cristão. Encontra-se o evangelismo ou serviço, cuidado pastoral, formação de líderes e alcance de metas. Isso alcança a real necessidade dos membros da igreja ou do novo converso. Falando dos novos conversos e suas necessidades, Burrill (1999) diz que eles precisam conhecer a doutrina bíblica, terem uma vida de comunhão (oração, bíblia, etc), descoberta dos dons e buscar novas pessoas. Esse ciclo de discipulado é o objetivo do pequeno grupo.

Entre os pastores respondentes, os que começaram e abandonaram os PGs ou que começaram, desistiram e retornaram, encontramos 22,1% deles desistindo nos últimos dez anos, contra 14,8% abandonando mais de dez anos atrás. Isso pode revelar que,

muito embora possa ter tido um crescimento numérico nos PGs pode ter havido falta no foco no programa geral da igreja, o que fez com que os pastores recuassem na proposta, o que revela ter sido mais enfatizado há mais de uma década com maior intensidade.

Esse dado é importante porque mostra um bom desempenho promocional de um departamento que promove os PGs, mas na visão, foco ou ênfase há um decréscimo. Aqui encontramos um choque ou confronto de um departamento versus a estrutura ou programa geral da igreja.

Recomendações para Prática

Para termos uma igreja mais organizada, atuante e mobilizadora é preciso empreender atenção e tempo para o ministério dos pequenos grupos. É preciso foco, sem dúvida alguma.

É preciso uma cadeia de atitudes e tarefas:

O presidente da Associação ter vivência com os PGs. Participar e liderar um pequeno grupo com seus departamentais, secretário e tesoureiro semanalmente.

Os departamentais podem liderar pequenos grupos de pastores nas regiões administrativas que o campo possui. Na prática, seria um departamental cuidando de 4 ou 5 pastores. Reúnem-se semanal ou quinzenalmente para orarem, estudarem a bíblia e conversar assuntos afins do ministério.

O pastor por sua vez irá dirigir um PG protótipo em seu distrito com 10 a 12 pessoas que ele crer que possa ajuda-lo no processo. Essas reuniões seriam semanais e por 3 meses.

Em seguida, cada pessoa que participou do PG protótipo com seu pastor sairá para liderar um PG.

O pastor disponibilizará de tempo para ter um contato quinzenal com esses líderes de sua igreja para avaliação das atividades. Dessa forma, o pastor não veria sua igreja com 100 membros, mas veria sua igreja com 10 grupos de 10 pessoas, onde 10 líderes são co-pastores para visitarem, mobilizarem seus membros para a missão, atividades sociais, e outros. Uma igreja em comunidade.

Recomendações para Futuras Pesquisas

Algumas sugestões de pesquisas são necessárias pela falta de abrangência da atual e para considerar a melhoria do trabalho daqueles que foram entrevistados também.

O público de uma nova pesquisa podem ser os coordenadores e líderes de PGs para que eles possam emitir suas opiniões sobre o trabalho de uma igreja que pretende harmonizar seu trabalho, usando a estrutura dos pequenos grupos. Dessa forma, poderia revelar similaridade nas respostas ou não com os pastores.

Pode também ser traçado o perfil dos pastores, coordenadores e líderes que possuem uma jornada de sucesso com o projeto.

Uma igreja ou distrito específico pode ser tido como estudo de caso para revelar os pontos cruciais do êxito.

Por fim, pessoas que foram alcançadas nessa metodologia das casas ou que tiveram a fé fortalecida por essas reuniões poderiam falar sobre o processo.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Sou pastor ...
 - a. ☐ menos de 01 ano
 - b. ☐ de 1 ano a 05 anos
 - c. ☐ de 05 a 10 anos
 - d. ☐ de 10 a 15 anos
 - e. ☐ de 15 a 20 anos
 - f. ☐ mais de 20 anos

2. Trabalho com pequenos grupos há...
 - a. ☐ menos de 1 ano
 - b. ☐ de 01 ano a 05 anos
 - c. ☐ de 05 a 10 anos
 - d. ☐ de 10 a 15 anos
 - e. ☐ mais de 15 anos

3. Desde que me envolvi com os pequenos grupos...
 - a. ☐ Nunca deixei de participar
 - b. ☐ abandonei
 - c. ☐ abandonei, mas voltei.

4. Participo de um PG porque...
 - a. ☐ em minha igreja, muitos participam.
 - b. ☐ minha família participa.
 - c. ☐ vejo que é essencial para a vida da igreja.
 - d. ☐ participo, mas não vejo que é essencial .
 - e. ☐ porque a administração pede.

f. ☐ entendo que é um assunto bíblico e profético.

g. ☐

5. Em minha igreja, os pequenos começaram e fecharam (ou são fracos) porque ...

a. ☐ os líderes não entenderam a visão correta.

b. ☐ a reunião era sem vida.

c. ☐ os anciãos não apoiavam..

d. ☐ ninguém falava dos PGs na igreja ou no campo.

e. ☐

f.

6. Em meu distrito há...

a. ☐ entre 05 e 20 PGs

b. ☐ entre 21 e 30 PGs

c. ☐ entre 31 e 40 PGs

d. ☐ entre 41 e 50 PGs

e. ☐ mais de 50 PGs

f. ☐ (se souber exatamente)

7. A lição do PG ...

a. ☐ deveria ser menor.

b. ☐ deveria ser maior.

c. ☐ deveria ser mais interativa.

d. ☐ deveria ter apenas o texto bíblico e perguntas.

e. ☐

8. Quais os maiores obstáculos para o desenvolvimento dos PGs:

a. ☐ muitas atividades ministeriais .

b. ☐ falta de apoio administrativo.

- c. () falta de visão por parte da igreja.
- d. () resultados batismais a desejar.
- e. () eu não possuo muito conhecimento a respeito.
- f. ()

8. A reunião do coordenador com líderes deve ser :

- a. () semanal
- b. () quinzenal
- c. () mensal
- d. ()

8. Quem deveria ser o coordenador principal ?

- a. () Presidente do campo
- b. () Departamental de Ministério Pessoal
- c. () um departamental exclusivo de PG
- d. ()

9. A reunião do PGP ...

- a. () é importante para o meu ministério.
- b. () não vejo importância.
- c. ()

10. Quais as maiores dúvidas sobre pequenos grupos?

- a. () relação com os departamentos da igreja.

b. () relação com o evangelismo público.

c. ()

LISTA DE REFERÊNCIAS

LISTA DE REFERÊNCIAS

- Abdala, E. (2013). *Diagnose*. Artur Nogueira: UCB.
- Abdala, E. (2007). *Guia de plantio de igreja*. Guarulhos: Parma.
- Beckham, W. A. A. (2007). *Segunda reforma*. Curitiba: Ministério Igreja Em Células.
- Burril, R. (2005). *Como reavivar a igreja do século 21*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.
- Burrill, R. (1999). *Revolução na Igreja*. Almargem do Bispo: Publicadora Atlântico.
- Cairns, E. E. (1996). *Christianity through the centuries: A history of the Christian Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- Comiskey, J. (2006). *Paixão e persistência*. Curitiba: Ministério Igreja Em Células.
- Comiskey, J. (2004). *Multiplicando a liderança* (2ª ed.). Curitiba: Ministério Igreja Em Células.
- Comiskey, J. (2010). *Plantando igrejas que se reproduzem*. Curitiba: Ministério Igreja Em Células.
- Covey, S. R. (2009). *Resultados previsíveis em tempos imprevisíveis*. Osasco: Novo Século.
- Covey, S. R., & Colosimo, J. (2011). *Grande trabalho, grande carreira*. Osasco: Novo Século.
- Cress, J. A. (2010). *Comunidade de amor*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.
- Donahue, B., & Robinson, R. (2001). *Edificando uma igreja de grupos pequenos*. São Paulo: Vida.
- Earley, D. (2009). *8 hábitos do líder eficaz de grupos pequenos*. São Paulo: Vida.
- Jonhson, K. W. (1991). *Pequenos grupos para o tempo do fim*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

- Kidder, S. J. (2011). *The big four: Secrets to a thriving church family*. Hagerstone: Review and Herald.
- Beyerlein, A., Keiper, S., Long, J., Pell, P., Thiel, N., & Whallon, D. (1995). *Small group leader's handbook: The next generation*. Downers Grove, IL: InterVarsity.
- Marinho, R. M. (2009). O líder e sua equipe: Um caso de amor. In J. F. de Oliveira, & R. M. Marinho (Orgs.), *Liderança: Uma questão de competência* (pp.52-78). São Paulo: Saraiva.
- Morris, L. (2003). *Uma igreja de alto impacto*. Osasco: Mundo Cristão.
- Norton, R. (2011). *Cómo alcanzar al mundo de hoy*. Buenos Aires, Argentina: ACES.
- Ogden, G. J. (2003). *Discipulado que transforma: El modelo de Jesus*. Barcelona: Clie.
- Rode, D. (2009). Uma teologia de pequenos grupos. *Revista Ministério*, 80(5), 20.
- Rode, D. (2013). *Cómo surgen nuevas iglesias: Alguns aportes y experiencias latinoamericanas*. Entre Rios, Argentina: Adventista Del Plata.
- Rode, I., & Rode, D. (2007). *Chaves para revolucionar sua igreja*. Engenheiro Coelho, SP: UnasPres.
- Rodrigues, A. M. (2013). *Message mission and unity of the church*. Hagerstown: Review and Herald.
- Igreja Adventista do Sétimo Dia. (2010). *Manual da igreja adventista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- Schwarz, C. A. (1996). *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança.
- Souza, E. B. (2007). Fundamentos bíblicos e teológicos do ministério de pequenos grupos. In: M. Torres (Org.), *Pequenos Grupos, Grandes Soluções.*, p. 15-27. Guarulhos: Parma.
- Valley, C. A. (2012). *Socorro! Estão me seguindo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.
- Wong, B. (2009). *Fazendo toda a diferença: Investindo sua vida em outras*. Curitiba: Ministério Igreja em Células.

